



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LETÍCIA DE PAULA VON BACKSCHAT

**A PRESENÇA DE ASPECTOS FEMINISTAS NOS ESTUDOS
ANALÍTICO-COMPORTAMENTAIS NACIONAIS COM TERMOS
RELATIVOS A GÊNERO E SEXO FEMININOS**

Londrina
2024

LETÍCIA DE PAULA VON BACKSCHAT

**A PRESENÇA DE ASPECTOS FEMINISTAS NOS ESTUDOS
ANALÍTICO-COMPORTAMENTAIS NACIONAIS COM
TERMOS RELATIVOS A GÊNERO E SEXO FEMININOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como requisito para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina Laurenti.

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

L648a Backschat, Letícia de Paula Von.

A presença de Aspectos feministas nos estudos analítico-comportamentais nacionais com termos relativos a gênero e sexo femininos / Letícia de Paula Von Backschat. - Londrina, 2024.
112 f. : il.

Orientador: Carolina Laurenti.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Análise do Comportamento - Tese. 2. Comportamento Feminino - Tese. 3. Feminismo - Tese. I. Laurenti, Carolina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9

LETÍCIA DE PAULA VON BACKSCHAT

**A PRESENÇA DE ASPECTOS FEMINISTAS NOS ESTUDOS ANALÍTICO-
COMPORTAMENTAIS NACIONAIS COM TERMOS RELATIVOS A
GÊNERO E SEXO FEMININOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como requisito para obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Área de concentração: Análise do Comportamento

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Laurenti
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Profa. Dra. Camila Muchon de Melo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Cláudia Kami Bastos Oshiro
Clemente
Universidade de São Paulo – USP

Londrina, 02 de Agosto de 2024

Agradecimentos

Agradeço minha orientadora, Carolina Laurenti, por sua orientação inestimável, paciência e apoio ao longo destes 6 anos de parceria. Agradeço também aos professores do mestrado que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e ao desenvolvimento deste trabalho. À minha família, cujo amor e incentivo foram fundamentais, sou eternamente grata. Aos meus amigos, pela compreensão e encorajamento contínuos, e ao Vitor, por seu apoio incondicional e motivação constante, meu mais sincero agradecimento. Este trabalho é fruto do esforço coletivo e do apoio de todos vocês.

*“Por vezes a palavra representa um modo
mais hábil de se calar do que o silêncio”*

Simone de Beauvoir

Backschat, L. P. V. (2024). **A presença de aspectos feministas nos estudos analítico-comportamentais nacionais com termos relativos a gênero e sexo femininos.** [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina].

RESUMO

O comportamento feminino tem sido objeto de investigação sistemática em dois campos de estudo na psicologia, sendo eles a psicologia da mulher e a psicologia feminista. Embora ambos tenham surgido nos anos de 1970 nos Estados Unidos, a psicologia da mulher se propõe a investigar comportamentos específicos das mulheres, porém sem necessariamente pautar suas discussões nas relações de poder e opressão que afetam homens e mulheres de diferentes maneiras em contextos sociais e históricos patriarcais, como a psicologia feminista se dispõe. Considerar uma perspectiva feminista de gênero possibilitaria compreender o comportamento feminino como resultado de uma história pessoal entrelaçada com contextos de desigualdade de gênero, permitindo também questionar e buscar alterações em práticas e teorias psicológicas, tornando a psicologia mais justa e igualitária. Os primeiros artigos analítico-comportamentais nacionais que exploraram relações entre feminismo e Análise do Comportamento datam de 2014, 2016 e 2017. Tendo em vista que já se passou quase uma década da primeira publicação de um artigo nacional sobre feminismo e Análise do Comportamento, o que tem mudado nas discussões sobre comportamento feminino nos estudos analítico-comportamentais? Pensando nisso, o objetivo desta pesquisa foi apresentar um panorama a respeito de quando e como aspectos feministas tornaram-se presentes nos estudos analítico-comportamentais brasileiros com termos sobre gênero e sexo femininos. Para isso, inicialmente, foi realizado o *download* de todos os volumes e números dos principais periódicos nacionais especializados em Análise do Comportamento, sendo eles: Revista Brasileira de Análise do Comportamento; Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva; Perspectivas em Análise do Comportamento, mais a Acta Comportamental. Por meio do mecanismo Ctrl+F foi buscado o conjunto de palavras-chave: mulher, feminino e fêmea e seus respectivos plurais. Os critérios de inclusão foram artigos publicados a partir de 2003, que consistissem em pesquisa teórica, básica ou aplicada, que utilizassem a orientação analítico-comportamental e que apresentassem ao menos três ocorrências de alguma das palavras-chave mencionadas anteriormente no corpo do texto, repetidas ou não. Os artigos foram divididos em dois períodos de publicação diferentes, sendo eles de 2003 a 2013 e de 2014 a 2023. Essa separação visou quantificar as publicações selecionadas apresentadas antes e depois das primeiras publicações feministas analítico-comportamentais nacionais. A análise quantitativa apresentou a catalogação das 1591 publicações coletadas em periódicos nacionais no período de 2003 a 2023. Dentre todos os artigos selecionados, 142 (8,9%) foram escritos em português, baseados no comportamentalismo radical e apresentaram ao menos três ocorrências de uma ou mais palavras-chave mencionadas anteriormente dos quais 42 (29,5%) apresentaram aspectos feministas em suas discussões. Com base na análise realizada, foi possível constatar que, embora a Análise do Comportamento tenha se proposto a discutir

questões femininas, a aproximação com o feminismo ainda é escassa. No entanto, 90% dos textos com aspectos feministas selecionados correspondem ao segundo período (2014-2023), o que sugere uma influência significativa das primeiras publicações nacionais feministas na maneira como a área tem estudado o comportamento feminino. Esse aumento indica que, apesar de as discussões em periódicos nacionais especializados ainda majoritariamente não abordarem aspectos feministas, esse cenário está mudando. Observa-se uma tendência crescente de integração de perspectivas feministas, o que pode enriquecer e diversificar as abordagens na Análise do Comportamento, promovendo uma compreensão mais completa e crítica das experiências das mulheres

Palavras-chave: Comportamento feminino, feminismo, Análise do Comportamento.

Backschat, L. P. V. (2024). **The presence of feminist aspects in national behavior-analytic studies with terms related to gender and female sex.**

[Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina].

ABSTRACT

Female behavior has been systematically investigated in two fields of psychology: women's psychology and feminist psychology. Although both emerged in the 1970s in the United States, women's psychology aims to investigate specific behaviors of women, but without necessarily basing its discussions on the power relations and oppression that affect men and women in different ways in patriarchal social and historical contexts, as feminist psychology does. Considering a feminist gender perspective would enable an understanding of female behavior as the result of a personal history intertwined with contexts of gender inequality, also allowing for questioning and seeking changes in psychological practices and theories, making psychology more just and equal. The first national behavior-analytic articles that explored the relationships between feminism and Behavior Analysis date back to 2014, 2016, and 2017. Given that almost a decade has passed since the first publication of a national article on feminism and Behavior Analysis, what has changed in the discussions about female behavior in behavior-analytic studies? With this in mind, the objective of this research was to present an overview of when and how feminist aspects became present in Brazilian behavior-analytic studies involving gender and female sex terms. To this end, initially, all volumes and issues of the main national journals specializing in Behavior Analysis were downloaded, namely: *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *Perspectivas em Análise do Comportamento*, and *Acta Comportamentalia*. Using the Ctrl+F mechanism, the following set of keywords was searched: woman, female, and their respective plurals. The inclusion criteria were articles published from 2003 onwards, consisting of theoretical, basic, or applied research, that used a behavior-analytic orientation, and that presented at least three occurrences of any of the aforementioned keywords in the body of the text, repeated or not. The articles were divided into two different publication periods, from 2003 to 2013 and from 2014 to 2023. This separation aimed to quantify the selected publications presented before and after the first national behavior-analytic feminist publications. The quantitative analysis cataloged the 1,591 publications collected in national journals from 2003 to 2023. Among all the selected articles, 142 (8.9%) were written in Portuguese, based on radical behaviorism, and presented at least three occurrences of one or more of the previously mentioned keywords. Of these, 42 (29.5%) presented feminist aspects in their discussions. Based on the analysis carried out, it was found that although Behavior Analysis has proposed to discuss women's issues, the approach to feminism is still scarce. However, 90% of the selected texts with feminist aspects correspond to the second period (2014-2023), suggesting a significant influence of the first national feminist publications on the way the field has studied female behavior. This increase indicates that, despite discussions in national specialized journals still mostly not addressing feminist aspects, this scenario is changing. There is a growing trend of integrating feminist perspectives, which can

enrich and diversify the approaches in Behavior Analysis, promoting a more complete and critical understanding of women's experiences.

Key-words: female behavior, feminism, behavior analysis

Lista de Ilustrações

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Panorama geral dos artigos recuperados, excluídos e selecionados por periódico..... | 33 |
| Figura 2 –Total, por ano, de publicações recuperadas, selecionadas e com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados nos periódicos nacionais analítico-comportamentais..... | 36 |
| Figura 3 - Porcentagem acumulada, por ano, de artigos selecionados e artigos com aspectos feministas..... | 39 |
| Figura 4 –Total por ano, de publicações selecionadas e de publicações que apresentaram aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas..... | 39 |
| Figura 5 –Total de citações de referências feministas por ano mencionadas nos artigos selecionados no período de 2014 a 2023..... | 41 |
| Figura 6 –Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista Brasileira de Análise do Comportamento..... | 43 |
| Figura 7 – Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista Brasileira de Análise do Comportamento..... | 44 |
| Figura 8 – Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva..... | 45 |
| Figura 9 – Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva..... | 46 |

| | |
|--|----|
| Figura 10 - Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista ACTA Comportamentalia..... | 46 |
| Figura 11 - Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista ACTA Comportamentalia..... | 47 |
| Figura 12 - Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista Perspectivas em Análise do Comportamento..... | 48 |
| Figura 13 – Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista Perspectivas em Análise do Comportamento..... | 49 |
| Figura 14 – Distribuição do percentual de categorias concernentes à natureza das pesquisas das publicações selecionadas..... | 50 |
| Figura 15 – Categorias concernentes à natureza das pesquisas das publicações que apresentaram aspectos feministas..... | 51 |
| Figura 16 - Sexo/Gênero dos sujeitos em artigos selecionados de natureza aplicada e básica..... | 52 |
| Figura 17 – Valores feministas presentes nos artigos com aspectos feministas..... | 55 |

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 –Modelo de tabela para caracterização dos artigos de pesquisa básica com animais não humanos..... | 31 |
| Tabela 2 – Modelo de tabela para a caracterização dos artigos de pesquisa básica com humanos..... | 31 |
| Tabela 3 – Modelo de tabela para a caracterização dos artigos de pesquisa aplicada..... | 31 |
| Tabela 4 – Modelo de tabela para a caracterização dos artigos de pesquisa teórica | 32 |
| Tabela 5 – Total de artigos recuperados e total e percentual de artigos selecionados nos periódicos especializados em Análise do Comportamento no período de 2003 a 2023..... | 35 |
| Tabela 6 –Total de artigos recuperados e total e percentual de artigos selecionados por periódico em períodos de 10 anos..... | 36 |
| Tabela 7 – Total de artigos selecionados e total e percentual de artigos selecionados com elementos feministas por periódico..... | 37 |
| Tabela 8 – Total de artigos selecionados por natureza de pesquisa por periódico..... | 53 |

Lista de Apêndices

| | |
|--|----|
| Apêndice A – Referência dos artigos selecionados dos periódicos especializados em Análise do Comportamento mais a Acta, organizados por período em ordem crescente..... | 78 |
| Apêndice B – Caracterização das publicações que apresentaram aspectos feministas em suas discussões..... | 91 |
| Apêndice C – Análise dos aspectos feministas presentes nos textos selecionados..... | 98 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 16 |
| 2. Objetivos | 25 |
| 2.1. <i>Geral</i> | 25 |
| 2.2. <i>Específicos</i> | 25 |
| 3. Método | 26 |
| 3.1. <i>Natureza das fontes</i> | 26 |
| 3.2. <i>Busca e seleção das fontes</i> | 27 |
| 3.3. <i>Procedimento</i> | 29 |
| 3.4. <i>Análise de dados</i> | 29 |
| 4. Resultados | 33 |
| 4.1. <i>Distribuição temporal das publicações recuperadas, selecionadas e com aspectos feministas por periódico</i> | 42 |
| 4.2. <i>A Natureza das pesquisas selecionadas</i> | 50 |
| 4.3. <i>Sobre gênero e filiação institucional da autoria dos artigos selecionados feministas</i> | 54 |
| 4.4. <i>Aspectos feministas abarcados nos textos selecionados</i> | 55 |
| 5. Discussão | 56 |
| 5.1. <i>A presença de mulheres em publicações analítico-comportamentais</i> | 56 |
| 5.2. <i>Características dos aspectos feministas abordados nos artigos selecionados</i> | 60 |

| | |
|--|-----------|
| <i>5.3. Natureza de pesquisa dos artigos selecionados feministas.....</i> | <i>63</i> |
| <i>5.4. Análise por periódicos de artigos feministas selecionados.....</i> | <i>65</i> |
| <i>5.5. Gênero da autoria dos artigos selecionados feministas.....</i> | <i>66</i> |
| 6. Considerações Finais..... | 68 |
| Referências..... | 71 |
| Apêndice..... | 78 |

Introdução

É possível encontrar na literatura psicológica ao menos duas terminologias para descrever campos de estudo do comportamento feminino: psicologia da mulher e psicologia feminista (Rutherford & Pettit, 2015). Em linhas gerais, a psicologia da mulher busca compreender aspectos do comportamento humano como, por exemplo, pensamentos, sentimentos e emoções, relativos especificamente à condição das mulheres (Rutherford & Pettit, 2015). A psicologia da mulher surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos e no Canadá, como uma forma de valorizar e incluir as questões femininas na pesquisa psicológica, que era dominada por uma visão androcêntrica e patriarcal (Rutherford & Pettit, 2015).

Embora seja importante, a iniciativa também cria uma separação entre a psicologia geral e a psicologia específica da mulher, conforme argumentam Rutherford e Pettit (2015). Isso pode dar a impressão de que a psicologia geral é neutra e universal, enquanto a psicologia da mulher é excepcional e particular. No entanto, a psicologia geral nem sempre leva em conta as diferenças de gênero e pode refletir a perspectiva dos homens (Eagly et al., 2012). Compreender a psicologia sem considerar vieses de gênero significa ignorar que essa perspectiva é baseada na visão masculina, inviabilizando assim as especificidades e contribuições das mulheres, atribuindo a elas um papel secundário e inferior ao dos homens (Rutherford & Pettit, 2015).

Outro ponto a ser ressaltado é que, mesmo se propondo a estudar o comportamento feminino, a psicologia da mulher nem sempre pauta suas discussões em pressupostos feministas. Dessa forma, esse campo não apresenta, necessariamente, um exame das desigualdades de poder presentes em uma sociedade patriarcal sobre as experiências das mulheres e as relações de gênero (Eagly et al., 2012).

A psicologia feminista, por sua vez, pode ser definida de várias formas. Narvaz e Koller (2006), por exemplo, definem-na como uma relação estratégica entre o feminismo e a

psicologia como forma de criticar visões tradicionais de uma psicologia positivista baseada em princípios da objetividade como sinônimo de neutralidade científica. Já Neves e Nogueira (2003) apresentam essa vertente como uma linha de pensamento antissexista que busca compreender o efeito do gênero, bem como de outras formas de classificação social, como a classe social, orientação sexual e raça, na produção de conhecimento sobre a mulher.

Tendo isso em vista, a psicologia feminista visa descrever primeiramente o conhecimento como uma construção social, em que os pesquisadores/as possuem um papel fundamental, devendo levar em consideração questões culturais, econômicas e políticas (Neves & Nogueira, 2003). Assim sendo, a psicologia feminista não busca alcançar uma padronização teórica, mas identificar a diversidade construída por meio das relações vividas entre homens e mulheres (Neves & Nogueira, 2003).

Mesmo sem haver uma caracterização unívoca de psicologia feminista, Rutherford e Pettit (2015) dão relevo à diferença entre os termos “psicologia da mulher” e “psicologia feminista”. Conforme argumentam esses autores,

Aqui oscilamos entre os dois termos, geralmente usando "psicologia das mulheres" para nos referirmos ao conjunto de pesquisas e crenças científicas/sociais que dizem respeito às mentes, naturezas e experiências das mulheres, e "psicologia feminista" para nos referirmos aos esforços que trazem valores, teorias e práticas feministas diretamente para a investigação psicológica, observando que essa é uma distinção imperfeita. (Rutherford & Pettit, 2015, p. 224)¹

Pensar, então, a psicologia baseada em uma proposta de psicologia feminista, e não da psicologia da mulher, significa considerar aspectos não apenas individuais, mas também

¹ Tradução do original: “Here we vacillate between the two terms, generally using ‘psychology of women’ to refer to the body of research and scientific/social beliefs that concerns women’s minds, natures, and experiences, and ‘feminist psychology’ to refer to endeavors that bring feminist values, theories and practices directly to bear on psychological inquiry, noting that this is an imperfect distinction” (p. 224).

culturais e sociais, uma vez que “. . . o social é também político” (Backschat & Laurenti, 2023, p. 125).

Tendo em vista essa distinção, é possível perceber que o comportamento feminino vem sendo estudado de diversas formas, mas não necessariamente de uma perspectiva feminista de gênero (Narvaz & Koller, 2007). Considerar aspectos feministas significa compreender que existem comportamentos que são reforçados de forma diferencial em relação a mulheres, discutindo dinâmicas de poder, opressão e patriarcado, no exame de contingências a nível individual e cultural. Um viés feminista não envolve apenas discussões sobre as mulheres, mas também uma preocupação com a implementação de estratégias voltadas para mudanças individuais, sociais e políticas em busca da igualdade de gênero, abordando práticas machistas e patriarcais frequentemente ignoradas em textos analítico-comportamentais, o que contribuiria para uma análise mais abrangente e crítica das questões de gênero.

Como há uma diversidade de elementos mencionados para caracterizar uma perspectiva feminista, neste estudo aspectos feministas foram descritos com base nos valores feministas defendidos por bell hooks (1981, 1984, 2000) e apresentado por Carneiro e Santos (2021), sendo eles: (i) Conscientização, que envolve a tomada de consciência a nível individual e social das forças opressivas de dominação contra mulheres, tais como o patriarcado; (ii) Enfrentamento, que corresponde à resistência às práticas sexistas, buscando maneiras de controlar as práticas opressivas; (iii) Solidariedade, que abrange a criação de estratégias de resistência; (iv) Libertação, que defende a liberdade tanto individual quanto política como forma de alcançar a igualdade; (v) Partilha, que significa a aceitação da responsabilidade em produzir conhecimentos que busquem uma ciência igualitária e justa; (vi) Poder de fala, que permite a expressão das opressões vivenciadas por mulheres em seu cotidiano; (vii) Amor, que, segundo Carneiro e Santos (2021), “. . . é entendido como fonte de

empoderamento e resistência na luta contra a opressão sexista” (p. 73); e, por fim, (viii) Igualdade, que consiste na mudança das práticas culturais, promovendo uma sociedade livre da dominação sexista e das relações de poder.

Entender questões psicológicas concernentes às mulheres de uma perspectiva feminista seria, então, buscar compreender o comportamento feminino com base nos valores descritos anteriormente, concebendo o comportamento feminino como resultado de uma história que se baseia em experiências e relações que acontecem em um contexto de desigualdade de gênero, no qual o homem é colocado como centro e a mulher ocupa uma posição de coadjuvante na sociedade (Narvaz & Koller, 2006). Mais do que isso, significa aceitar que historicamente as mulheres foram negligenciadas em diversos contextos, inclusive por outras mulheres, buscando assim, intervenções e mudanças que visem uma reparação e inserção de pesquisas que se proponham a analisar o comportamento feminino na atualidade (Defelice & Diller, 2019).

Historicamente, conhecimentos e técnicas psicológicas já foram utilizadas como instrumentos compatíveis com práticas racistas, classistas e sexistas. Com isso, ao estudar e analisar as críticas proferidas pelo movimento feminista à Psicologia, é possível analisar se na atualidade a psicologia ainda oferece respaldo a práticas que reproduzem uma maior desigualdade (Defelice & Diller, 2019). Uma vez que estamos inseridos em uma cultura patriarcal, ou seja, que mantém o foco na masculinidade como o único padrão relevante para uma sociedade (Rago, 2001), é atribuído à mulher um papel de inferioridade perante os homens.

Um aspecto importante dessas relações de poder é a reprodução dos estereótipos patriarcais de masculinidade e feminilidade, que auxiliam na sustentação da desigualdade, favorecendo a perpetuação de valores sociais que são compatíveis com a visão binária e desigual entre homem e mulher (Zanello et al., 2015). Para Zanello et al., (2015), “é o retrato

da prescrição socialmente destinada ao ‘ser mulher’: devem ser dóceis, amorosas, devotadas, recatadas e, sobretudo, amantes” (p. 239). É relevante frisar que embora a estereotipação aconteça com homens e mulheres, essas condições estão especialmente presentes no mundo das mulheres, com origens na estrutura patriarcal (Pinheiro & Oshiro, 2019).

Tais questões acentuam ainda mais a distinção entre os gêneros e as atribuições impostas às mulheres, como as de assumirem o papel de esposas e mães. Ainda que algumas estudiosas da área da psicologia da mulher buscassem explicações para as diferenças entre os gêneros por meio de questões sociais, muitas vezes essas distinções não levavam em consideração aspectos relevantes dos pressupostos feministas, tais como a desconstrução dos papéis de gênero e a consideração de práticas culturais como o patriarcado (Rutherford & Pettit, 2015).

Em vista disso, a inclusão de uma perspectiva feminista nos estudos psicológicos permite entender e analisar historicamente as contribuições que o feminismo tem proporcionado no decorrer dos anos, permitindo a análise de fenômenos culturais baseados em uma visão feminista, contestando afirmações machistas e patriarcais. Além de possibilitar uma melhor compreensão de fenômenos comportamentais, inserir uma perspectiva feminista permite que o psicólogo(a)/pesquisador(a) questione e busque alterações em práticas e teorias presentes na psicologia, a fim de tornar a psicologia mais justa e igualitária a todos os seres humanos (Pinheiro & Oshiro, 2019).

Sendo assim, compreender fenômenos comportamentais complexos de uma perspectiva feminista de gênero possibilitaria o enriquecimento do conhecimento acadêmico sobre tais questões, o que resultaria na promoção de estudos de intervenções atreladas a diferentes fontes de controle presentes no comportamento de homens e mulheres (Ruiz, 2003).

Discussões feministas não tiveram muita ressonância nos estudos analítico-comportamentais, mesmo durante os períodos em que o feminismo estava se difundindo, principalmente nos Estados Unidos (Couto & Dittrich, 2017). Na psicologia norte-americana, as primeiras publicações que se propuseram a estudar o comportamentalismo radical relacionado ao feminismo surgiram na década de 1970. No entanto, foram escassos os artigos encontrados em periódicos nas décadas subsequentes (Oda, 2023). No trabalho publicado por Oda (2023), a autora realizou uma revisão bibliográfica em 10 periódicos norte-americanos para identificar de que maneira mulheres e feminismo foram retratados nas publicações de 1970 até 2022. Segundo Oda (2023), é a partir de 2014 que é possível identificar um aumento significativo de publicações que se propuseram a investigar o comportamento feminino, embora não tenha sido identificado nenhum estudo que tenha abordado a relação entre o feminismo e as mulheres. A autora, então, discorre que “O aumento do número de publicações a respeito desses temas [diversidade, equidade e inclusão] pode ser interpretado como produto de mudanças ambientais e culturais que influenciam o comportamento de revisores, editores e autores” (p. 80). A publicação do livro *Women in Behavioral Science*, no ano de 2023, e organizado pelas autoras Ruth Rehfeldt, Traci Cihon e Erin Rasmussen, corrobora com a afirmação de Oda, demonstrando um interesse crescente nos estudos sobre questões de gênero.

Maria Ruiz (1950-2017), uma pesquisadora cubana que residiu nos Estados Unidos da América boa parte de sua vida, foi uma das pioneiras nas discussões e interlocuções entre a temática do feminismo e da Análise do Comportamento, defendendo a necessidade de mais estudos que aproximassem as duas áreas. Segundo Ruiz (1995), o feminismo impactou as teorias tradicionais da psicologia, proporcionando um contexto favorável para a discussão de como a mulher vinha sendo abordada em estudos dessa natureza. Pensar a Psicologia, mais precisamente uma psicologia analítico-comportamental, por um viés feminista, permite o

desenvolvimento de uma abordagem crítica e reflexiva no que tange a questões de gênero, além de permitir que mulheres sejam representadas e consideradas. Mais do que isso, aproximar a Análise do Comportamento de uma perspectiva feminista possibilita reduzir estereótipos que colaboram com a manutenção de um padrão comportamental machista e patriarcal. Ruiz (1995) argumenta que pesquisas que se baseiam nessas temáticas acabam por proporcionar novos conhecimentos sobre modificações de determinados aspectos culturais, para que essa visão androcêntrica seja reconsiderada, construindo uma sociedade mais equitativa.

Nas últimas décadas, é possível observar mudanças nas discussões culturais no âmbito acadêmico, inclusive no Brasil, a despeito de ser um país no qual se encontra uma série de obstáculos ao estudo do tema (ver Mizael, 2021)². A primeira revisão nacional sobre estudos analítico-comportamentais de temáticas feministas foi publicada por Couto e Dittrich em 2017. O artigo teve como objetivo a revisão da produção científica sobre feminismo em periódicos de Análise do Comportamento, discutindo a importância de aproximações entre essas duas áreas. Nesse estudo, foram encontrados oito artigos que apresentavam discussões feministas de uma ótica analítico-comportamental, sendo que cinco deles tinham como autora ou co-autora a pesquisadora Maria Ruiz, indicando, à época, uma baixa quantidade de estudos nacionais sobre o tema. Em suas obras, Ruiz (1995, 1998, 2003) explora a inclusão de perspectivas feministas na Análise do Comportamento e apresenta de que maneira seria possível desafiar e reformular as metodologias tradicionais, que tendem a ignorar ou

² De acordo com Mizael (2021), os problemas se concentram em dois pontos centrais, a língua e o ativismo. O Brasil tem demonstrado ser um país perigoso para ativistas, com casos relatados de assassinatos, ameaças de morte e perseguição de indivíduos que se proponham a defender diversas causas sociais, sendo uma delas o feminismo (Mizael, 2021). Diante dessa situação, é possível que pesquisadores/as se sintam coagidos a não realizar trabalhos que adentrem a tais pontos, como forma de evitar possíveis consequências não apenas ao seu trabalho, mas também à sua vida pessoal. Além disso, Mizael (2021) aponta também a dificuldade da população brasileira no acesso ao conhecimento da língua inglesa, visto que a maioria dos artigos que relacionam esses aspectos estão não apenas escritos em inglês, mas também publicados em sua maioria em periódicos estadunidenses. Levando isso em consideração, a população brasileira tem mais dificuldade não apenas para acessar esse material, mas também na publicação de seus trabalhos (Mizael, 2021).

minimizar a relevância das desigualdades de gênero nas dinâmicas comportamentais, levando a uma abordagem mais sensível às questões de poder e opressão.

Além dos artigos de Ruiz, foram identificados por Couto e Dittrich (2017) dois estudos nacionais. O primeiro deles, escrito por Marcela Fideles e Luc Vandenberghe (2014), discute pontos de contato entre a Terapia Feminista e a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP). Os autores apresentam a FAP como uma proposta de terapia contextual pautada nos princípios analítico-comportamentais que analisa contingências sociais e culturais (Fideles & Vandenberghe, 2014). A psicologia feminista, por sua vez, aproxima-se da FAP ao propor que uma característica importante do processo psicoterapêutico é a análise de emoções e pensamentos como decorrentes de contextos históricos, sociais e culturais, e não mais de um ambiente intrapessoal como visto em modelos de terapias tradicionais (Fideles & Vandenberghe, 2014). Adicionalmente, essa vertente argumenta que a atuação da(o) psicóloga(o) clínico não pode ser apolítica, ou seja, desvinculada de considerações sociais e culturais, já que os impactos de questões de gênero também afetam o próprio comportamento desses profissionais. Ao reconhecer a mudança social como um elemento necessário da prática clínica, é refutada a noção de imparcialidade como objetivo do psicólogo (Fideles & Vandenberghe, 2014).

Já o segundo artigo que visava uma aproximação entre Skinner e Simone de Beauvoir, publicado por Emanuelle Silva e Carolina Laurenti (2016), examinou possíveis aproximações teóricas entre a proposta de compreensão do ser humano defendida por Skinner e a filósofa Simone de Beauvoir, pautando-se principalmente no modelo de seleção pelas consequências para explicar o comportamento feminino sem recorrer a uma concepção essencialista de mulher. Silva e Laurenti (2016) argumentam que a visão antiessencialista e complexa do ser humano, defendida por Skinner, é consistente com uma das teses fundamentais da segunda onda do movimento feminista, inspirada nas discussões de Simone de Beauvoir sobre a

condição de objetificação feminina. As autoras argumentam que o diálogo entre as duas áreas aponta para uma concepção pluralista e não essencialista da identidade feminina, contribuindo para debates contemporâneos sobre gênero e comportamento (Silva & Laurenti, 2016).

Além dos artigos apresentados por Couto e Dittrich (2017), outros estudos se propuseram a realizar uma aproximação entre o feminismo e a Análise do Comportamento, como a publicação do livro “Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento” organizado por Pinheiro e Mizael, o qual abordou diversas temáticas, tais como feminismo interseccional (Mizael, 2019), patriarcado (Nicolodi & Arantes, 2019), cultura do estupro (Freitas & Morais, 2019), mulheres e tecnologia (Perkoski, 2019), relacionamentos abusivos (Costa, 2019). Em 2023 foi publicado o livro “Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento: 2” também organizado por Pinheiro e Mizael, que compilou trabalhos que discutiam o papel das mulheres na produção de conhecimento analítico-comportamental (Pereira & Marques, 2023), viés de sexo na análise experimental do comportamento (Fernandes et al., 2023), subjetividade negra e gênero (Lira & Sanabio-Heck, 2023), entre outros.

Levando em consideração que estudar questões femininas não implica necessariamente no compromisso com uma perspectiva feminista, e, por outro lado, que há contribuições de uma perspectiva feminista para o estudo da mulher na Análise do Comportamento, cumpre indagar: a partir de quando aspectos feministas começaram a ser mencionados na literatura analítico-comportamental brasileira? A publicação dos primeiros artigos nacionais sobre feminismo e Análise do Comportamento (Couto & Dittrich, 2017; Fideles & Vandenberghe, 2014; Silva & Laurenti, 2016) tiveram algum papel na consideração desses aspectos feministas? Quase uma década após a primeira publicação brasileira sobre feminismo e Análise do Comportamento (2014), o que tem mudado nas discussões sobre comportamento feminino nos estudos analítico-comportamentais?

Objetivos

Geral

- Apresentar um panorama a respeito de quando e como aspectos feministas tornaram-se presentes nos estudos analítico-comportamentais brasileiros com termos sobre gênero e sexo femininos.

Específicos

- Mapear e caracterizar os estudos analítico-comportamentais nacionais com termos sobre gênero e sexo femininos.

- Averiguar a presença de aspectos feministas nesses estudos antes e após as primeiras publicações brasileiras da área sobre feminismo.

- Identificar e discutir possíveis diferenças na forma como os estudos analítico-comportamentais nacionais abordavam questões relativas a gênero e sexo femininos antes e depois das primeiras publicações da área sobre feminismo.

Método

A pesquisa bibliográfica pauta-se em materiais já elaborados anteriormente, sendo eles principalmente livros e artigos científicos (Gil, 2010). Sendo assim, esse tipo de pesquisa consiste em buscar e analisar as referências teóricas que já foram publicadas sobre uma dada temática. Embora todo trabalho científico inicie com uma revisão bibliográfica, existem pesquisas científicas que se fundamentam apenas na investigação bibliográfica, buscando referências teóricas publicadas com o propósito de obter informações ou conhecimentos prévios sobre a problemática estudada (Fonseca, 2002). Esse tipo de pesquisa é vantajoso, pois permite que se conheçam as eventuais lacunas, contradições e ambiguidades presentes nas publicações feitas sobre o tema. Isso ocorre, pois, ao levantar, agrupar e analisar dados, permite-se uma compreensão mais ampla sobre o assunto (Gil, 2010). É por isso que se pode afirmar que esse tipo de pesquisa é necessário para qualquer processo de análise a ser realizado.

Levando-se em consideração que o objetivo desta pesquisa é apresentar um panorama a respeito de quando e como aspectos feministas tornaram-se presentes nos estudos analítico-comportamentais brasileiros com termos sobre gênero e sexo femininos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica.

Natureza das fontes

O material bibliográfico usado para a execução desta pesquisa consistiu em artigos científicos publicados em periódicos nacionais especializados em Análise do Comportamento, mais a *Acta Comportamentalia*. Fizeram parte da pesquisa estudos de pesquisas aplicadas, básicas e teóricas.

Para a seleção dos artigos de pesquisa aplicada, foi empregada a definição de Strapasson et al. (2013), em que os autores caracterizam como “aplicada” aquelas pesquisas que contenham dados empíricos resultantes de observações diretas e indiretas do comportamento, com o propósito de avaliar efeitos de intervenções psicológicas em um determinado grupo, ou o desenvolvimento de técnicas específicas em queixas de um paciente.

Para Strapasson et al. (2013), pesquisas básicas são aquelas que abrangem também dados empíricos que tenham sido obtidos por meio da observação, mas que tenham como objetivo a apresentação de regularidades nas relações entre estímulos e respostas e comprovação de teses teóricas. Como exemplo de pesquisa básica têm-se experimentos realizados em laboratório que visam analisar equivalência de estímulos em animais humanos e não humanos.

Por fim, a pesquisa teórica consiste em estudos que se proponham a explorar dados de pesquisas aplicadas e básicas, porém que não apresentem informações obtidas por meio da observação. A pesquisa teórica também consiste em estudos que englobam discussões teórico-conceituais e/ou filosóficas (Strapasson et al., 2013). Revisões bibliográficas de literatura são um exemplo de pesquisas teóricas.

Busca e seleção das fontes

Foi realizada uma busca nos arquivos dos *sites* dos principais periódicos nacionais especializados em Análise do Comportamento, sendo eles a Revista Brasileira de Análise do Comportamento (REBAC), a revista Perspectivas em Análise do Comportamento (PAC) e a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (RBTCC). Além desses periódicos, foi também acrescentado o periódico *Acta Comportamentalia* do México, uma vez que publica material em língua portuguesa, com relevante contribuição de pesquisadoras/es brasileiras/os (Cravo et al., 2022).

O período escolhido para a análise foi uma década antes e uma década após a publicação do texto de Fideles e Vandenberghe (2014). O recorte de tempo designado pelas autoras se dá devido ao levantamento realizado por Couto e Dittrich (2017), em que os autores apresentam o texto de Fideles e Vandenberghe (2014) como a primeira publicação feminista analítico-comportamental nacional, conforme os critérios da revisão bibliográfica conduzida por eles. Vale ressaltar que em decorrência da busca nos periódicos ter ocorrido no ano de 2023, a pesquisa se propôs a analisar textos a partir do ano de 2003. Além disso, foram selecionadas publicações escritas em português que apresentaram no título, no resumo e/ou no corpo do texto palavras relacionadas ao sexo e gênero feminino, sendo elas: “fêmea”, “fêmeas”, “feminino”, “femininos”, “mulher”, “mulheres”. A escolha dessas palavras-chave se deu para abranger estudos que se propusessem a analisar o comportamento de mulheres, assim, os termos "mulher" e "feminino" auxiliaram neste recorte. O vocábulo "fêmea" foi selecionado visando identificar a presença do viés de sexo em pesquisas experimentais básicas com animais não humanos, uma vez que a utilização de machos em pesquisas é cinco vezes maior quando comparado as fêmeas (Fernandes et al., 2023). Essa identificação é importante não apenas para evidenciar as lacunas existentes nos estudos de processos básicos em Análise do Comportamento, haja vista que as fêmeas são, em sua maioria, excluídas de tais pesquisas, mas também para auxiliar na compreensão das justificativas utilizadas pelos pesquisadores/as para tal sub-representação (Fernandes et al., 2023).

Não foram analisados materiais publicados que não eram artigos, tais como editoriais, traduções, discussões que abrangem réplicas e comentários, resenhas de livros e notas. Além disso, artigos que não se baseavam na teoria comportamentalista radical e que não continham ao menos três dessas palavras, repetidas ou não, no título, no resumo e/ou no corpo do texto, foram desconsiderados. Haja vista que o periódico RBTC também publica artigos de orientação cognitivo-comportamental, os artigos dessa revista que apresentavam em suas

palavras-chave e/ou título termos que especificassem a teoria cognitivo-comportamental foram desconsiderados.

Procedimento

Inicialmente, foi realizado o *download* de todos os volumes e números dos periódicos, iniciando pelo volume datado do ano de 2003 e indo até o último artigo publicado em julho de 2023. Os artigos baixados foram separados em pastas contendo o nome do periódico e os respectivos anos de publicação. Por meio do mecanismo *CRTL+F* foi realizada a busca do conjunto de palavras-chave mencionadas anteriormente, e cada pasta com o ano de publicação foi dividida entre os artigos que cumpriram os critérios de inclusão ou não. Os artigos selecionados passaram por uma leitura completa para identificar discussões pormenorizadas que fossem compatíveis com o objetivo desta pesquisa.

Análise dos dados

Em um primeiro momento, os dados foram sistematizados em tabelas como forma de apresentar um panorama quantitativo dos artigos selecionados em períodos de publicação e por periódico.

Com base nas informações obtidas por meio das tabelas, as publicações foram analisadas por quatro medidas quantitativas, baseadas nos estudos de Carvalho-Neto et al. (2015) e Saraiva et al. (2016):

a) Total de artigos recuperados por ano, total de artigos selecionados por ano e total de artigos selecionados com aspectos feministas por ano: Essa medida refere-se ao total de artigos publicados no periódico que cumpriram com os critérios de inclusão pré-estabelecidos, além dos artigos selecionados que apresentaram aspectos feministas.

b) Total de artigos selecionados por período e natureza de pesquisa: Foi analisado o total de artigos selecionados por período em cada periódico e analisado a natureza de pesquisa de cada um deles.

c) Total de artigos selecionados que continham aspectos feministas por período e natureza de pesquisa: Foi analisado o total de artigos selecionados que mencionaram aspectos feministas por período em cada periódico e analisada a natureza de pesquisa de cada um deles.

d) Porcentagem acumulada das publicações selecionadas por ano: Trata-se do total de artigos recuperados por ano com curva de porcentagem acumulada dos artigos selecionados.

Os resultados obtidos por meio das análises quantitativas foram apresentados em gráficos que visavam demonstrar a quantidade de publicações por ano, bem como a porcentagem acumulada dos artigos selecionados; gráficos que abordaram os artigos selecionados e suas naturezas de pesquisa; além de gráficos que representaram a natureza da pesquisa e a quantidade de textos com aspectos feministas selecionados. Por fim, um gráfico retratou a porcentagem acumulada das publicações selecionadas por ano.

Levando em consideração os dados obtidos por Couto e Dittrich (2017), foram também analisadas as menções de alguns textos citados por esses autores nos períodos pré-selecionados, sendo eles, Fideles e Vandenberghe (2014), Ruiz (1995, 1998, 2003 e 2009), Silva e Laurenti (2016) e o próprio texto dos autores. Com base nesses dados, foi estruturado um gráfico que apresentasse a quantidade total de artigos selecionados por ano e a quantidade de artigos que apresentaram cada uma das referências mencionadas anteriormente.

A análise interpretativa foi realizada de maneira distinta a depender da natureza da publicação. Sendo assim, foram desenvolvidos quatro modelos de tabelas, a primeira abrangendo os artigos de pesquisa básica com animais não humanos; a segunda consistindo

nos estudos básicos com humanos; a terceira apresentando as pesquisas aplicadas; e, por fim, a quarta tabela representando os artigos teóricos.

Tabela 1

Modelo de tabela para caracterização dos artigos de pesquisa básica com animais não humanos

| Referência | Objetivo | Qual a temática abordada pelos autores? | A amostra de sujeitos consistiu em machos, fêmeas ou híbrido? | Houve justificativas para o uso dessa amostra? | Se sim, as justificativas abrangeram questões filogenéticas, ontogenéticas ou culturais? | Os autores ponderaram diferenças em relação ao sexo? | Se sim, quais foram elas? |
|------------|----------|---|---|--|--|--|---------------------------|
|------------|----------|---|---|--|--|--|---------------------------|

Já na pesquisa básica com humanos, a catalogação aconteceu como consta na tabela 2,

Tabela 2

Modelo de tabela para caracterização dos artigos de pesquisa básica com humanos

| Referência | Objetivo | Qual a temática abordada pelos autores? | A amostra de participantes consistiu em homens, mulheres ou híbrido? | Houve justificativas para o uso dessa amostra? | Se sim, as justificativas abrangeram questões filogenéticas, ontogenéticas ou culturais? | A discussão do artigo se pautou em contingências de diferenças em relação ao gênero? | Se sim, como essas questões foram abordadas? |
|------------|----------|---|--|--|--|--|--|
|------------|----------|---|--|--|--|--|--|

Os artigos que consistiram em pesquisas aplicadas foram discutidos com base no modelo da tabela 3.

Tabela 3

Modelo de tabela para a caracterização dos artigos de pesquisa aplicada

| Ref. | Objetivo | O objetivo do texto é indicado como uma abordagem para discutir práticas opressivas que geralmente não são contempladas | Qual a temática abordada pelos autores? | A amostra de participantes consistiu em homens, mulheres ou ambos? | Foram apresentadas justificativas para o uso dessa amostra? | Se sim, as justificativas abrangeram questões filogenéticas, ontogenéticas ou culturais? | A explicação foi fundamentada nas disparidades de poder entre os gêneros, na estrutura patriarcal e em elementos sexistas e misóginos? | Em caso afirmativo, como essas questões foram abordadas? Foram sugeridas estratégias para implementar essas |
|------|----------|---|---|--|---|--|--|---|
|------|----------|---|---|--|---|--|--|---|

 em textos
acadêmicos?

 mudanças?
Quais?

Por fim, a tabela 4 apresentou as informações obtidas na leitura dos artigos teóricos.

Tabela 4

Modelo de tabela para a caracterização dos artigos de pesquisa teórica

| Ref. | Objetivo. | Qual a temática abordada pelos autores? | As discussões se pautaram em questões filogenéticas, ontogenéticas ou culturais? | Caso tenha sido cultural, foi abordado a nível individual e social as forças opressivas de dominação do patriarcado? Além de reconhecer sua posição na extinção ou manutenção do patriarcado? | Os autores buscaram propor mudanças tanto individuais quanto sociais que se propunham a controlar as formas opressivas de dominação? | Os autores propuseram/ indicaram compromissos contínuos para a criação de estratégias coletivas de resistência contra as formas de opressão contra mulheres? | O texto buscou apresentar uma liberdade individual, social e política para as mulheres como forma de igualdade positiva, capaz de proporcionar oportunidades para mudanças? | Os autores abordam a importância e responsabilidade e de produzirem e compartilharem conhecimentos que não sejam excludentes e enviesados? | O texto é utilizado para discutir práticas opressivas que não são frequentemente abordadas em textos acadêmicos? |
|------|-----------|---|--|---|--|--|---|--|--|
|------|-----------|---|--|---|--|--|---|--|--|

As questões formuladas para as tabelas 3 e 4 foram baseadas nos valores feministas mencionados anteriormente e propostos por bell hooks em suas obras e examinados por Carneiro e Santos (2021). Por se tratar de valores complementares, não foram utilizadas uma pergunta para cada valor, sendo eles distribuídos da seguinte forma: A pergunta 5 correspondeu à Conscientização; A pergunta 6 aos valores de Amor e Solidariedade; A pergunta 7 ao Enfrentamento e à Igualdade; A pergunta 8 à libertação; A pergunta 9 à Partilha; e, por fim, a pergunta 10 ao Poder de Fala. A escolha de tais aspectos feministas para nortear essas tabelas teve como objetivo apresentar se as obras analítico-comportamentais teóricas têm se valido de aspectos feministas em suas discussões. Após a leitura e catalogação dos textos nas tabelas mencionadas anteriormente, os artigos que abordaram aspectos

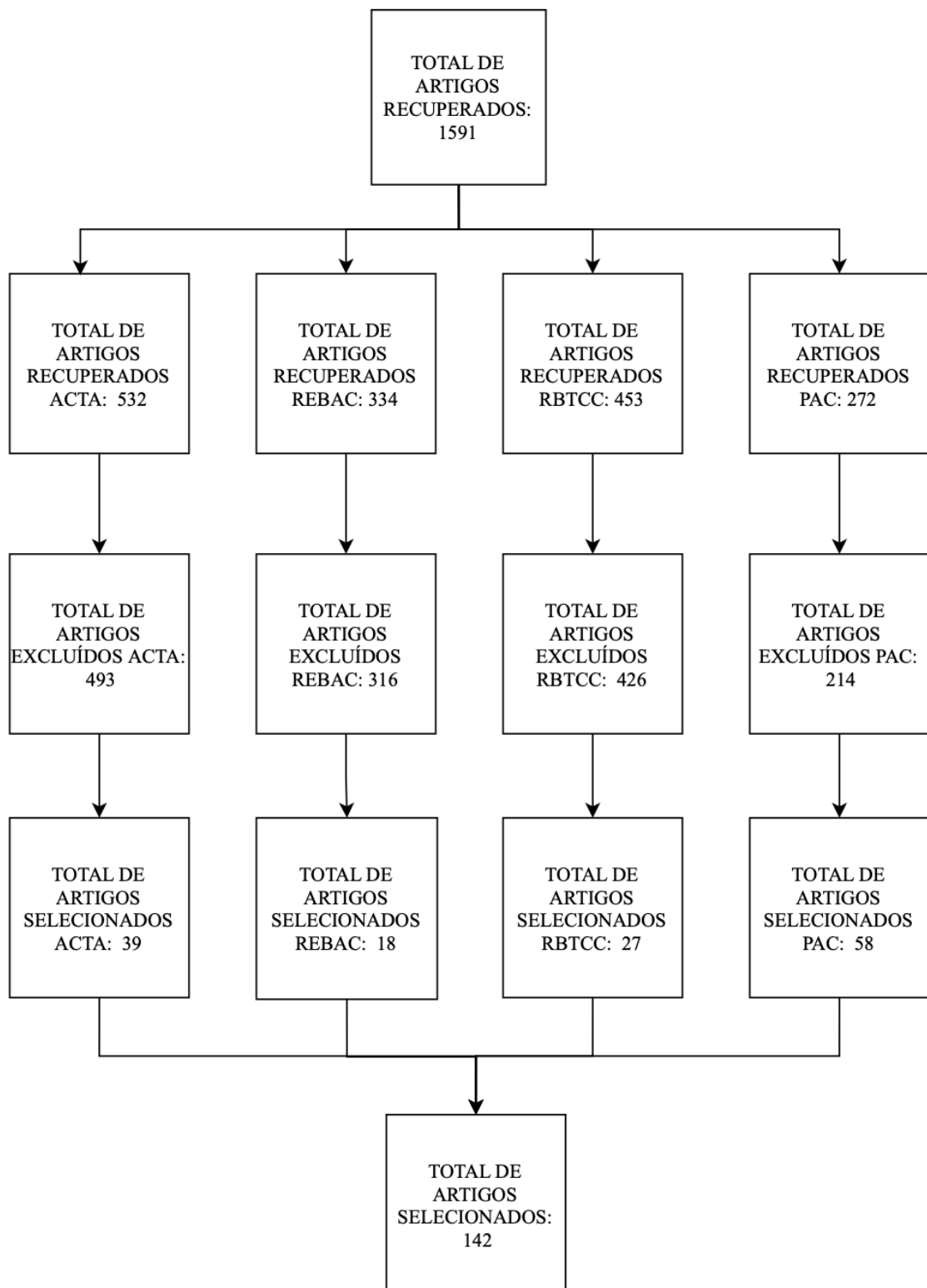
feministas foram distribuídos em outra tabela, com o objetivo de identificar quais aspectos estão mais presentes em discussões analítico-comportamentais feministas.

Além das etapas apresentadas, também foi realizada uma análise sobre os autores dos textos que apresentaram aspectos feministas, buscando identificar pesquisadores/as, grupos e instituições que têm se proposto a estudar tais condições. Esses dados foram sistematizados em uma tabela que foi descrita na seção de resultados.

Resultados

Esta pesquisa bibliográfica teve como objetivo apresentar um panorama a respeito de quando e como aspectos feministas tornaram-se presentes nos estudos analítico-comportamentais brasileiros com termos sobre gênero e sexo femininos. Para ilustrar os resultados obtidos, foi elaborado um organograma com o objetivo de sistematizar a etapa de busca e seleção das fontes, como consta na Figura 1.

Figura 1: *Panorama geral dos artigos recuperados, excluídos e selecionados por periódico*



Dentre os artigos recuperados, foram excluídos aqueles que não eram escritos em língua portuguesa; não utilizavam a abordagem analítico-comportamental; não continham ao menos três das palavras-chaves; e, por fim, não eram artigos de natureza básica, aplicada ou

teórica. Do total de 1591 artigos, 1449 (91,1%) não foram selecionados, e 142 (8,9%) foram abarcados no estudo.

Na Tabela 5 foram representados o total de artigos recuperados em cada periódico e o total de publicações selecionadas nos período de 2003 a 2023.

Tabela 5

Total de artigos recuperados e total e percentual de artigos selecionados nos periódicos especializados em Análise do Comportamento no período de 2003 a 2023

| Periódico | Total de artigos recuperados | Total de artigos selecionados | Percentual de artigos selecionados |
|---------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------|---|
| ACTA (início em 1993) | 532 | 39 | 7,3% |
| PAC (início em 2010) | 272 | 58 | 21,3% |
| REBAC (início em 2005) | 334 | 18 | 5,4% |
| RBTC (início em 1999) | 453 | 27 | 6,9% |
| Total | 1591 | 142 | 8,9% |

Do total de artigos publicados no período avaliado, apenas 8,9% apresentaram termos relativos ao gênero e sexo femininos. O periódico PAC foi o que proporcionalmente mais publicou artigos que preencheram os critérios de inclusão pré-estabelecidos, e a REBAC o periódico em que menos artigos foram selecionados.

Na tabela que segue, estão descritas a quantidade de publicações encontradas em cada periódico em dois períodos diferentes (2003-2013 e 2014-2023), bem como a quantidade de artigos selecionados nesses períodos. Tendo em vista que a primeira publicação nacional a realizar aproximações entre a Análise do Comportamento e o Feminismo é datada em 2014, o

material obtido foi separado em dois períodos, sendo eles uma década antes da primeira publicação nacional e uma década após.

Tabela 6

Total de artigos recuperados e total e percentual de artigos selecionados por periódico em períodos de até 10 anos

| Periódico | Período de 2003 a 2013 | | Período de 2014 a 2023 | |
|---------------------------|-------------------------------|----------------------|-------------------------------|----------------------|
| | Artigos recuperados | Artigos selecionados | Artigos recuperados | Artigos selecionados |
| ACTA (início em 1993) | 214 | 11 (5,1%) | 318 | 28 (8,8%) |
| PAC (início em 2010) | 50 | 1 (2%) | 222 | 57 (25,6%) |
| REBAC (início em 2005) | 140 | 5 (3,5%) | 194 | 13 (6,7%) |
| RBTCC (início em 1999) | 188 | 14 (7,4%) | 265 | 13 (4,9%) |
| Total | 592 | 31 (5,2%) | 999 | 111 (12,1%) |

De acordo com a Tabela 6, o período que abrange os anos de 2014 a 2023 apresentou um maior número de artigos (12,1%) que atenderam aos critérios de inclusão especificados neste estudo, em comparação com o período anterior (5,2%) de 2003 a 2013. A maioria dos periódicos consultados também apresentou um aumento no número de artigos que exibiam termos relativos ao gênero e sexo femininos, no período de 2014 a 2023, em relação à década anterior. A única exceção foi a RBTCC, que apresentou uma queda nas publicações selecionadas entre os períodos consultados, indo de 7,4% para 4,9% artigos selecionados.

Como é possível abordar gênero e sexo femininos sem endossar necessariamente uma perspectiva feminista, no âmbito dos artigos selecionados foi aferida a porcentagem de artigos

que abarcaram aspectos feministas em suas discussões. A Tabela 3 mostra o percentual de artigos com elementos feministas do total de artigos selecionados, e o percentual de artigos feministas selecionados nos periódicos consultados.

Tabela 7

Total de artigos selecionados e total e percentual de artigos selecionados com elementos feministas por periódico

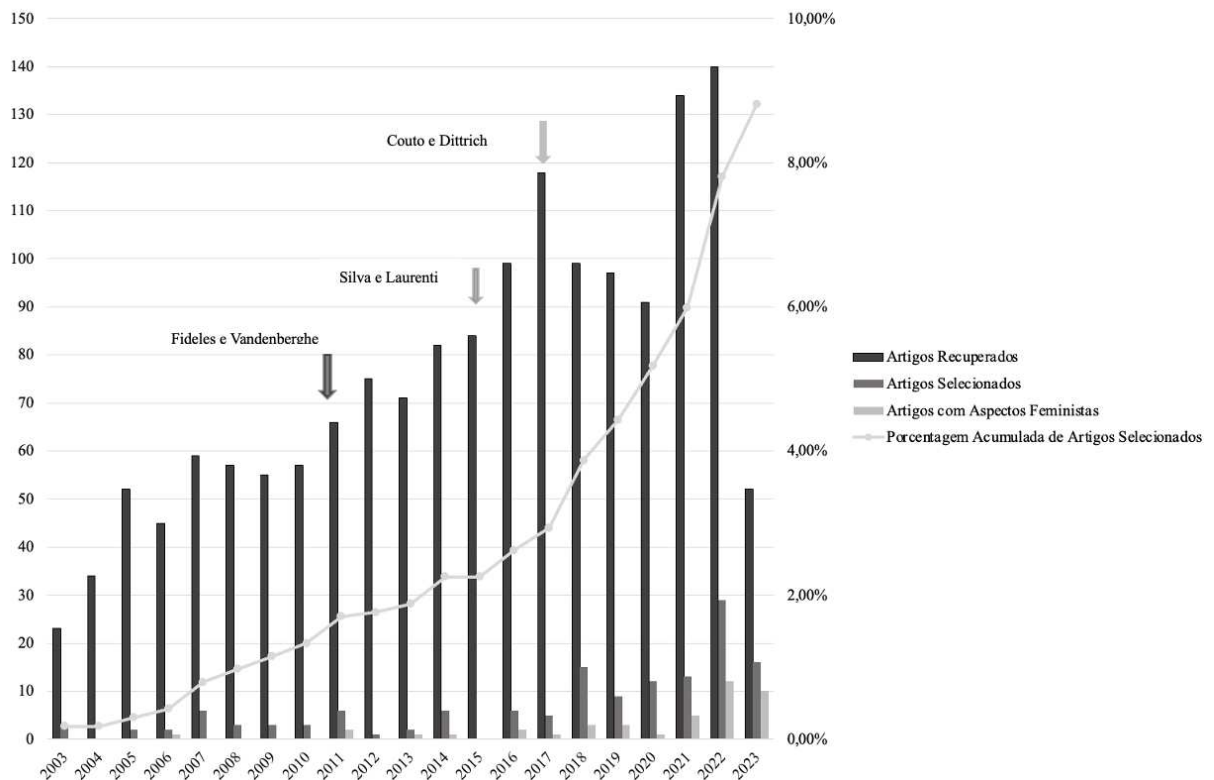
| Periódico | Total de artigos selecionados | Total de artigos selecionados com aspectos feministas | Percentual de artigos selecionados com aspectos feministas |
|---------------------------|--------------------------------------|--|---|
| ACTA (início em 1993) | 39 | 10 | 25,6% |
| PAC (início em 2010) | 58 | 22 | 37,9% |
| REBAC (início em 2005) | 18 | 4 | 22,2% |
| RBTC (início em 1999) | 27 | 5 | 18,5% |
| Total | 142 | 42 | 29,5% |

No total, dos 142 textos selecionados, 42 (29,5%) apresentaram aspectos feministas em suas discussões. Dentre os artigos selecionados, o periódico que mais apresentou artigos com elementos feministas foi o PAC e o que menos exibiu publicações com esses aspectos foi a RBTC.

Foi confeccionado um gráfico para dar relevo à distribuição temporal do total das publicações recuperadas, selecionadas e com aspectos feministas, por ano, no período 2003 a 2023. Na figura, consta também a curva de porcentagem acumulada dos artigos selecionados dentre os artigos recuperados no período citado. Foi registrada ainda a autoria dos três primeiros artigos que teceram explicitamente relações entre Análise do Comportamento e

feminismo, quais sejam, os de Fideles e Vandenberghe (2014), Silva e Laurenti (2016) e Couto e Dittrich (2017).

Figura 2: Total, por ano, de publicações recuperadas, selecionadas e com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados nos periódicos nacionais analítico-comportamentais.

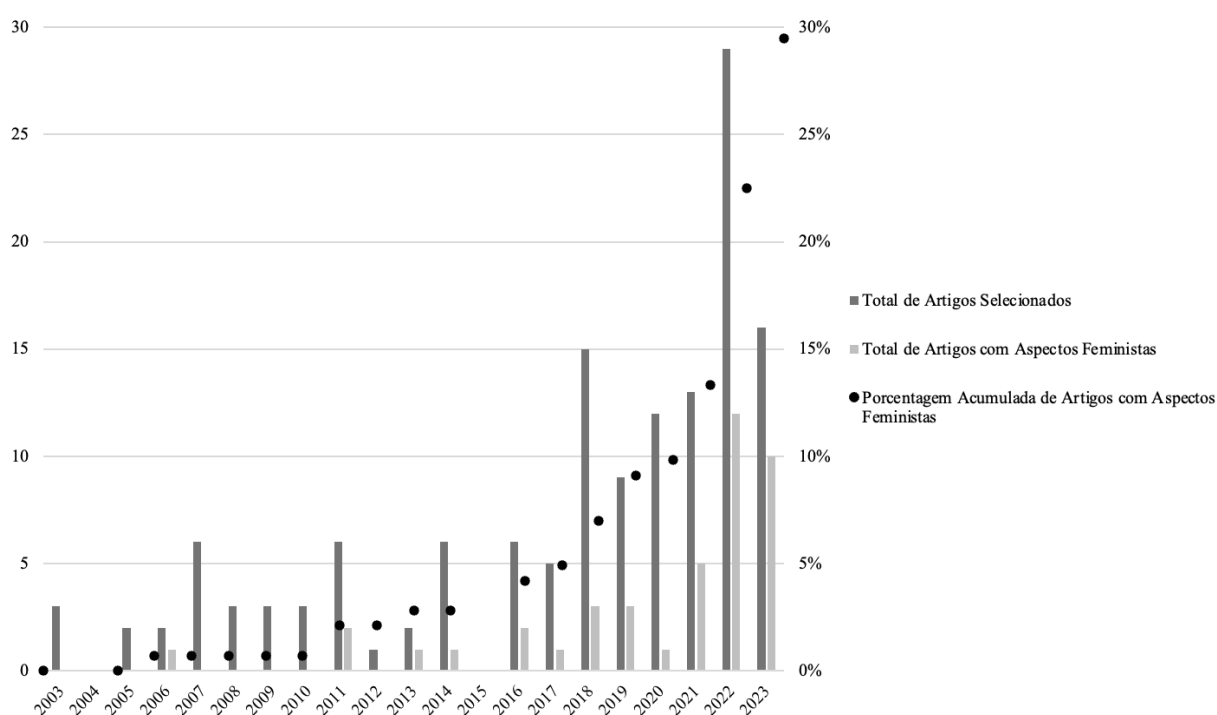


Entre os anos de 2003 e 2013 foram totalizadas 31 publicações de artigos compatíveis com os critérios desta pesquisa. Já entre os anos 2014 e 2023 ocorreram 111 publicações. Em relação aos textos que apresentaram aspectos feministas, 2022 teve a maior quantidade, 12. A partir de 2018, é possível perceber uma aceleração na curva de porcentagem acumulada referente aos artigos selecionados, indicando a ocorrência de mais publicações que apresentassem termos relacionados a sexo e gênero femininos. Com isso, o segundo período analisado, caracterizado pela presença das primeiras publicações explicitamente feministas na *Análise do Comportamento* (2014-2023), demonstra mais que o triplo de publicações (6,9%)

de artigos em relação ao período de 2003 e 2013 (1,9%), como sugere a curva de porcentagem acumulada.

Já a relação entre os artigos selecionados e os artigos que discutiram aspectos feministas foi descrita na Figura 3.

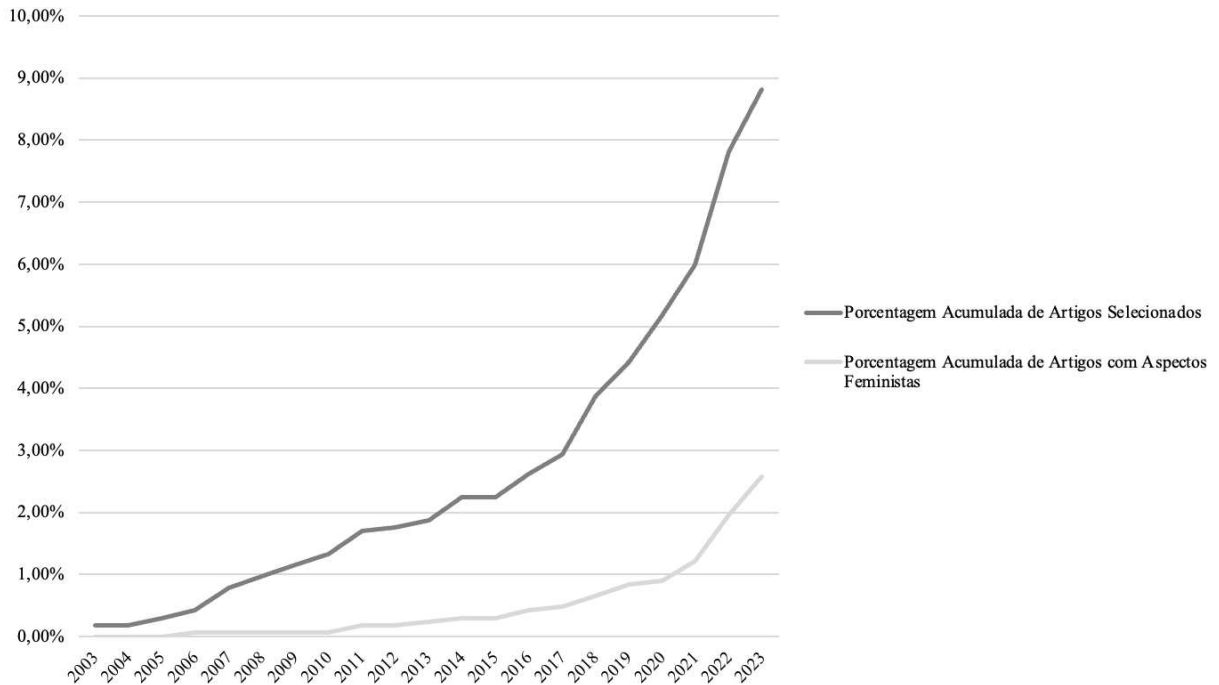
Figura 3: Total por ano, de publicações selecionadas e de publicações que apresentaram aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas



Dentre os artigos selecionados no primeiro período, 4 (12,9%) apresentaram aspectos feministas em suas discussões, enquanto no segundo período, 38 (34,2%) abarcaram tais tópicos. Tais dados são retratados no gráfico pela porcentagem acumulada, demonstrando um aumento de aproximadamente três vezes em relação às publicações do primeiro período para o segundo.

A Figura 4 sintetizou a porcentagem acumulada de artigos selecionados e a porcentagem acumulada de artigos com aspectos feministas.

Figura 4: *Porcentagem acumulada, por ano, de artigos selecionados e artigos com aspectos feministas*



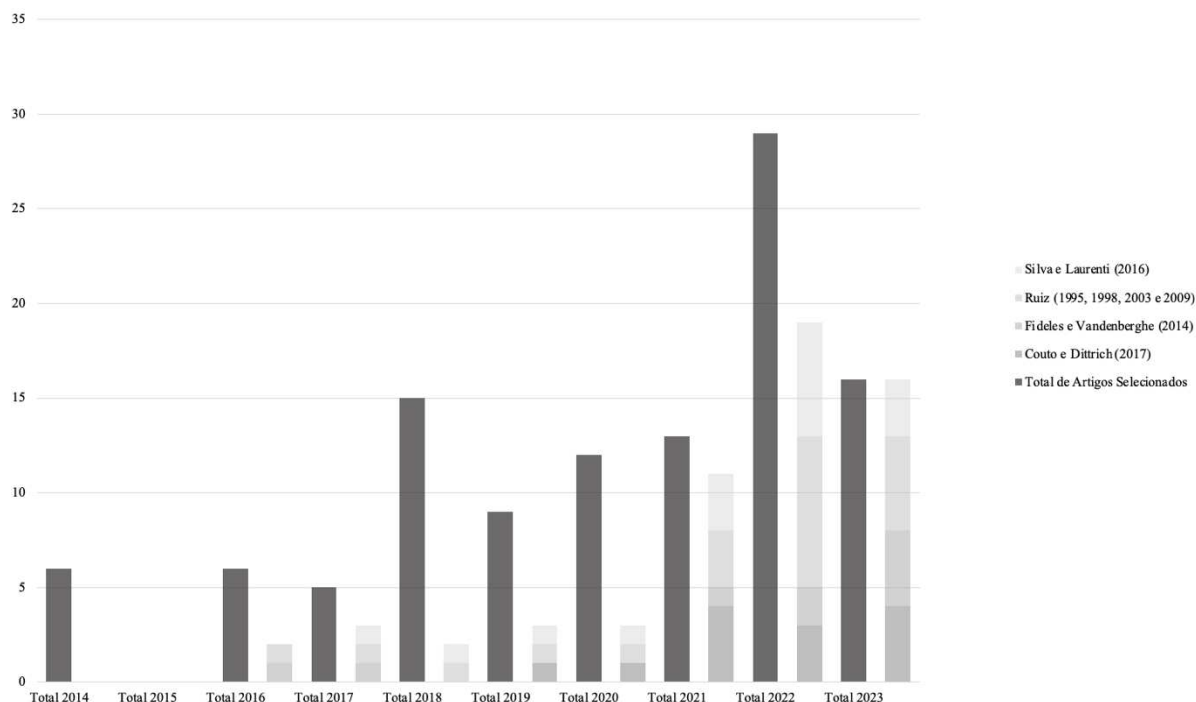
A Figura 4 apresenta a relação entre a porcentagem acumulada de artigos selecionados e a porcentagem acumulada de artigos com aspectos feministas no período de 2003 a 2023. Dentre os artigos selecionados, é a partir de 2007 que pode-se observar um aumento na curva de porcentagem acumulada das publicações analítico-comportamentais que se propuseram a estudar o comportamento feminino, com uma crescente acentuada após 2017. Já a porcentagem acumulada de artigos com aspectos feministas aponta para um aumento de publicações que consideraram tais discussões também a partir do ano de 2017, o que sugere que o aumento no número de artigos com viés feminista tem acompanhado o aumento do número de artigos sobre questões relativas a sexo e gênero. Tendo isso em vista, é possível considerar uma tendência de aumento nos estudos analítico-comportamentais que aproximam a Análise do Comportamento do feminismo.

Além de analisar os artigos publicados por ano e por período de publicação, bem como artigos que indicaram aspectos feministas, esta pesquisa também se propôs a realizar uma

investigação das referências apresentadas nos textos selecionados (um total de 142), visando identificar se referências feministas identificadas no trabalho de Couto e Dittrich (2017) foram citadas nos textos analítico-comportamentais. Dentre os artigos apresentados pelos autores (Couto & Dittrich, 2017), foram buscadas nas referências dos artigos selecionados as seguintes publicações: Ruiz (1995, 1988, 2003, 2009), Fideles e Vandenberghe (2014) e Silva e Laurenti (2016), além do próprio texto de Couto e Dittrich (2017).

Levando em consideração que quatro deles foram escritos no período de 2003 a 2013 (Ruiz, 1995, 1998, 2003, 2009), foi realizada uma análise buscando as referências também separadas nos períodos indicados anteriormente. Porém, entre os anos de 2003 e 2013, do total de 31 artigos selecionados, não foram identificadas, em nenhuma das revistas, publicações que citaram os artigos de Ruiz no referido período. Já as informações sobre a menção a textos feministas citados em Couto e Dittrich (2017) nos 111 artigos selecionados no período de 2014 e 2023 foram sistematizadas no gráfico a seguir. Os quatro textos de Ruiz foram agrupados em uma única categoria. Dessa forma, se algum artigo citou mais de um texto de Ruiz, a menção à autora foi registrada como uma única ocorrência.

Figura 5: *Total de citações de referências feministas por ano mencionadas nos artigos selecionados no período de 2014 a 2023*



Do total de 111 artigos selecionados nesse período, a autora que mais obteve menções foi Ruiz (1995, 1998, 2003 e 2009), com 21 (18,9%), já a segunda referência mais citada foi Silva e Laurenti (2016), com 16 (13,7%), seguida de Couto e Dittrich (2017) com um total de 13 (11,7%) de citações nesse período, e por Fideles e Vandenberghe (2014) com oito citações (7,2%). Com exceção dos anos de 2014 e 2015, em todos os demais, as referências mencionadas estiveram presentes em, ao menos, um texto sobre comportamento e gênero feminino. Tais dados revelam um aumento no interesse dos/as pesquisadores/as brasileiros/as em relação aos aspectos feministas na produção acadêmica ao longo dos anos, com aumento a partir do ano de 2019.

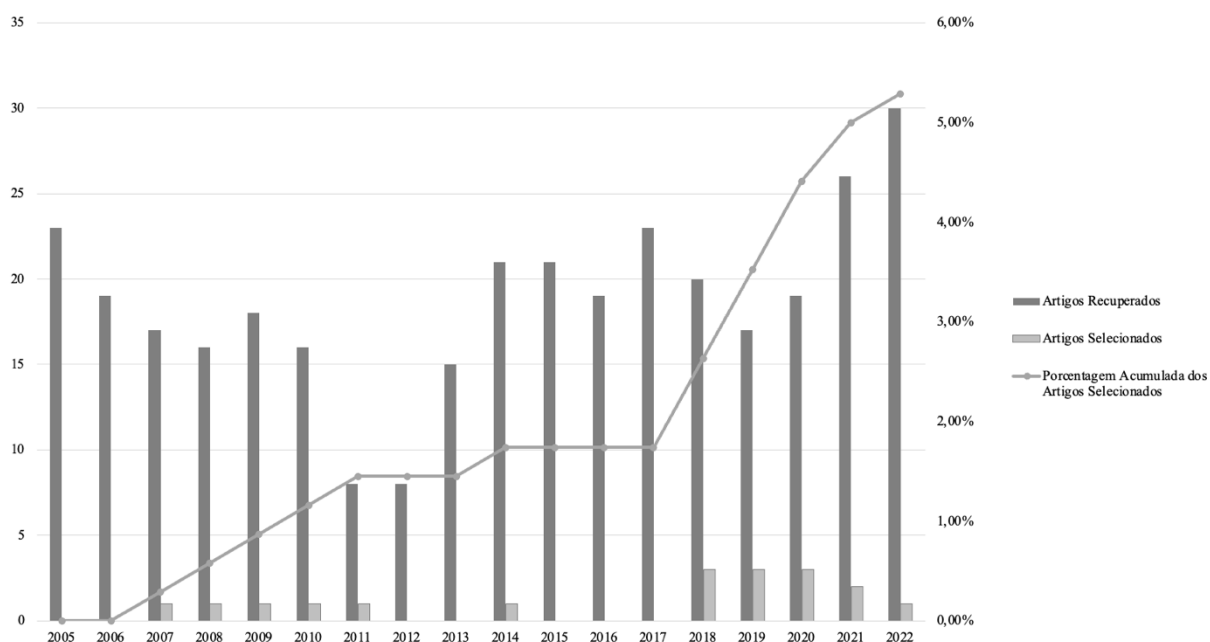
Distribuição temporal das publicações recuperadas, selecionadas e com aspectos feministas por periódico

Também foi proposta uma análise pormenorizada que visava discutir as publicações selecionadas por periódicos, apresentando os artigos publicados por ano, os artigos

selecionados, os artigos que abordaram aspectos feministas e a porcentagem acumulada. Esses dados foram apresentados nas figuras a seguir.

Na Figura 6 consta a porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na REBAC.

Figura 6: *Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista Brasileira de Análise do Comportamento*



O periódico REBAC teve início posterior ao período inicial determinado, com começo de suas publicações no ano de 2005. Tendo isso em vista, a busca se deu a partir do primeiro ano da revista. Um outro fator importante a ser considerado é que esse periódico passou por dificuldades administrativas, tendo assim uma suspensão temporária das publicações³, o que pode influenciar nos dados obtidos, com poucos artigos selecionados (Strapasson et al., 2013).

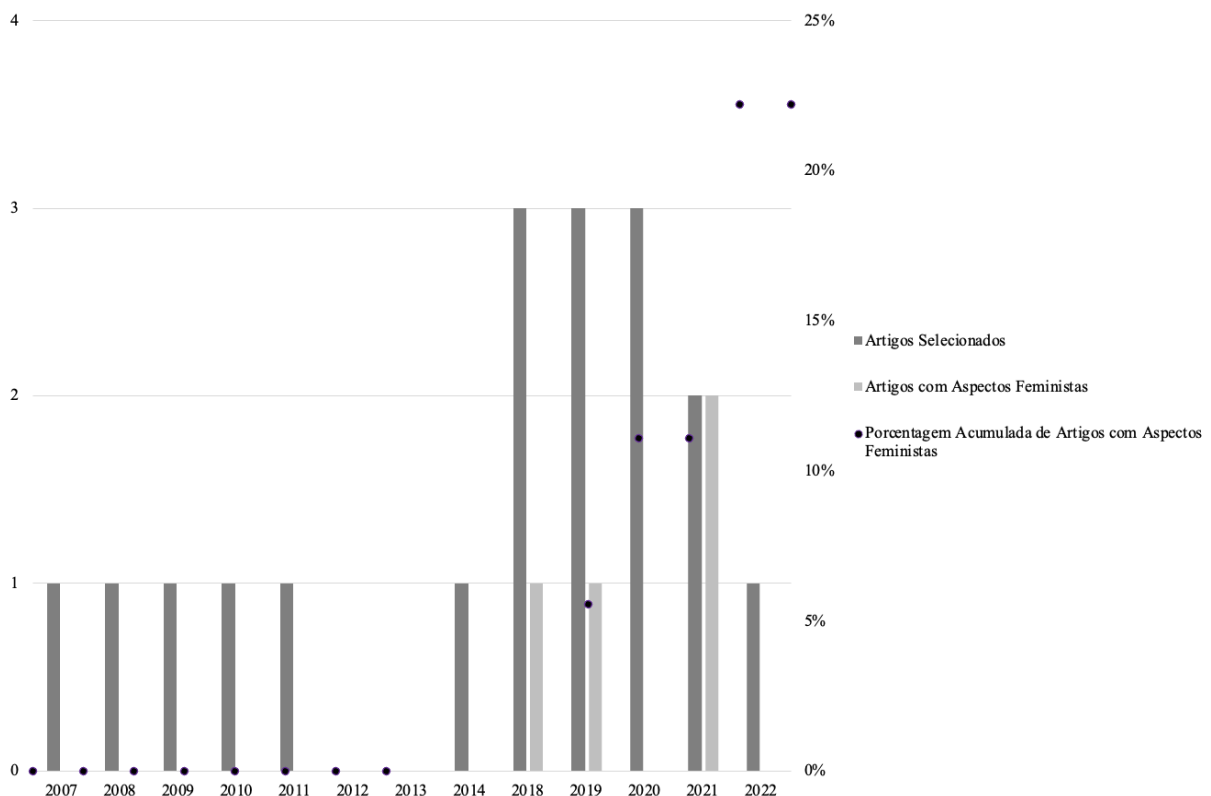
³ Após uma busca minuciosa, não foi possível determinar o exato período em que as publicações do periódico foram suspensas.

Também é importante ressaltar, como apresentado anteriormente, que no momento da seleção dos artigos, não tinham sido publicados artigos em 2023.

Ao analisar a distribuição temporal das publicações selecionadas, é possível observar que houve variações ao longo dos anos. Os anos de 2018, 2019 e 2020 se destacaram, cada um com três estudos selecionados, indicando um aumento significativo na produção nesses períodos em relação aos anos anteriores. Essa tendência é corroborada pela curva de porcentagem acumulada, que demonstra um crescimento de textos que abordaram termos referentes a sexo e gênero feminino a partir de 2018, sugerindo uma intensificação na produção de pesquisa durante esse período.

No que diz respeito aos artigos selecionados que discutiram questões feministas na REBAC, as informações obtidas na análise foram sistematizadas na Figura 7.

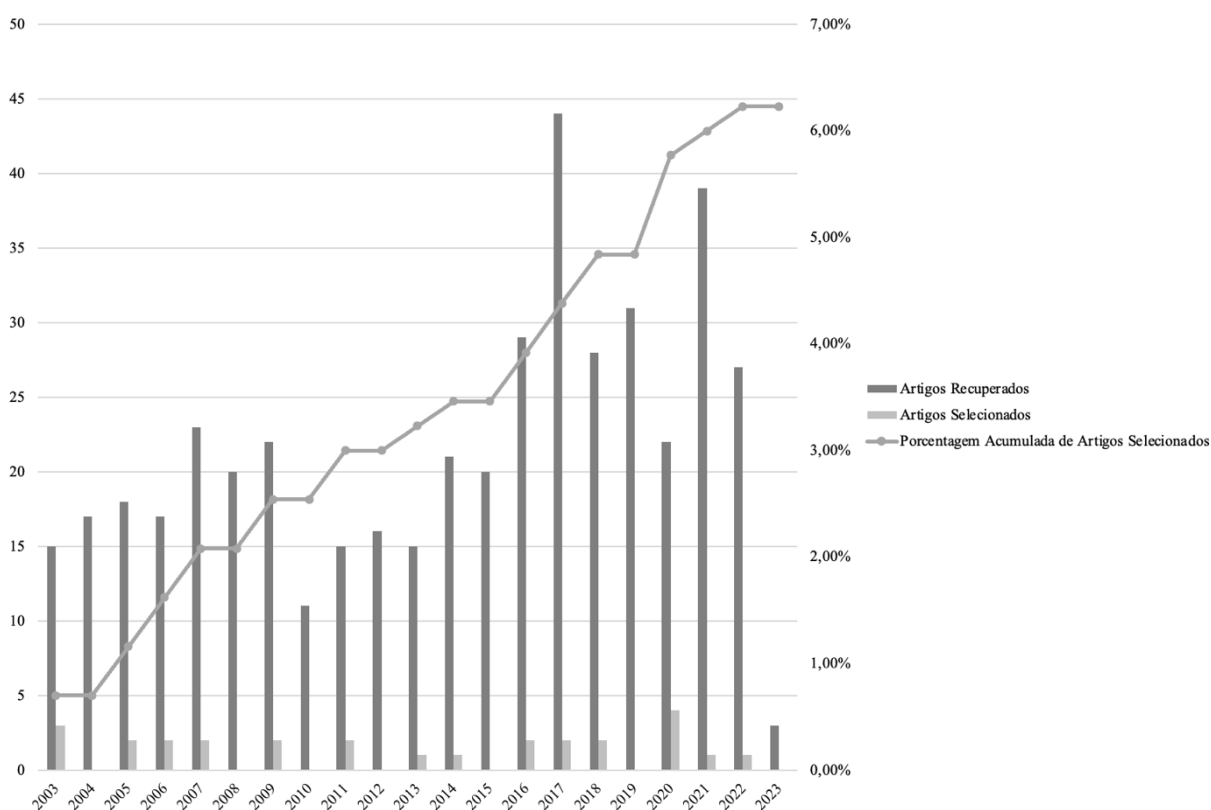
Figura 7: Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista Brasileira de Análise do Comportamento



É importante notar que apenas quatro dos artigos selecionados abordaram discussões feministas, distribuídos entre 2018, 2019 e 2021. Esses dados são demonstrados pela porcentagem acumulada, apresentando não apenas a evolução temporal das publicações, mas também para um aumento recente de publicações que levantem aspectos feministas.

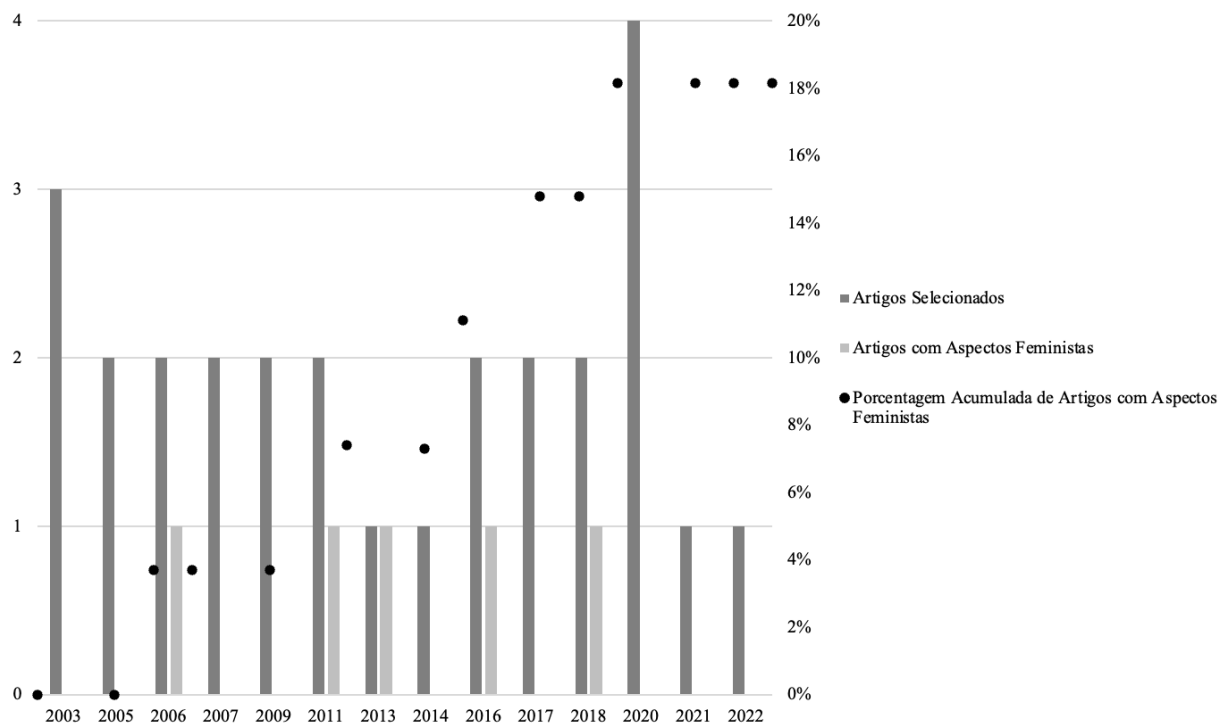
A Figura 8 representa os dados encontrados na busca do periódico RBTCC.

Figura 8: *Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*



Ao observar a curva de porcentagem acumulada, percebe-se um crescimento gradual das publicações analítico-comportamentais que retrataram sobre mulheres entre os anos de 2005 e 2007. No entanto, a partir de 2015, há uma aceleração significativa. O ano de 2020 foi o que apresentou maior quantidade de publicações, com quatro artigos. As discussões referentes aos textos selecionados e que apresentaram aspectos feministas na RBTCC foram descritas na Figura 9.

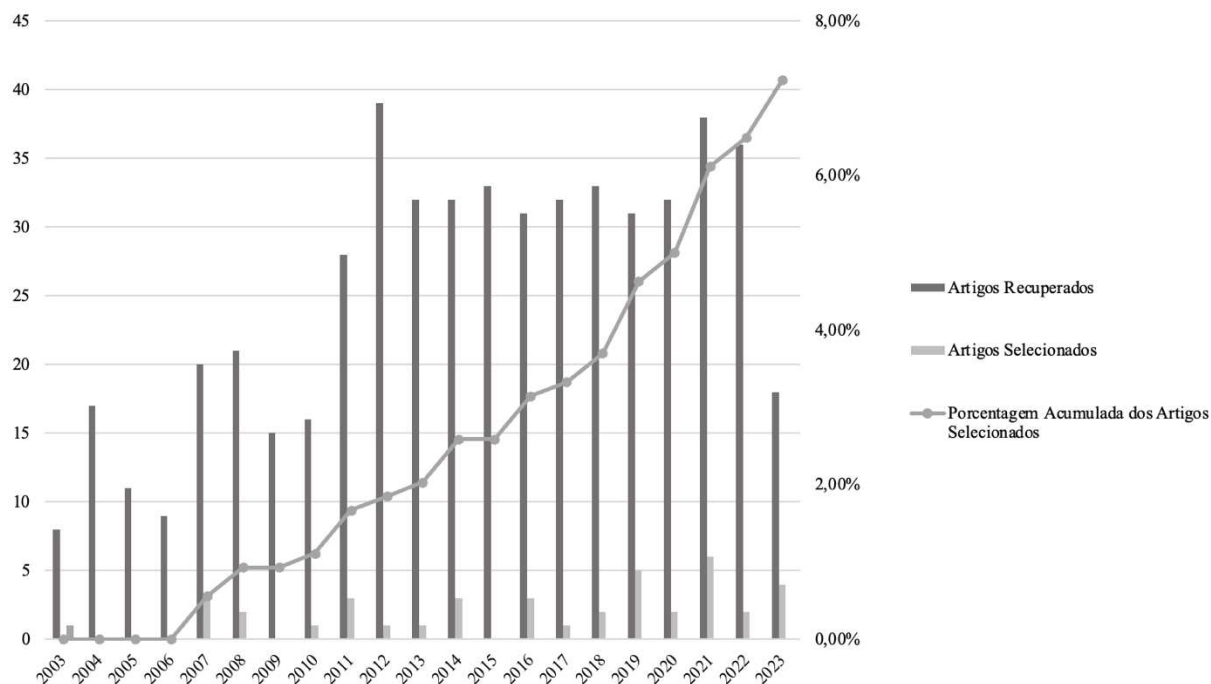
Figura 9: Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva



Na RBTCC, cinco publicações realizaram aproximações com aspectos feministas, sendo três no primeiro período e duas no segundo período. Sendo assim, do total de 27 artigos selecionados, 18,5% abarcaram questões feministas em suas discussões.

Já a Figura 10 consiste na análise dos artigos encontrados na revista ACTA.

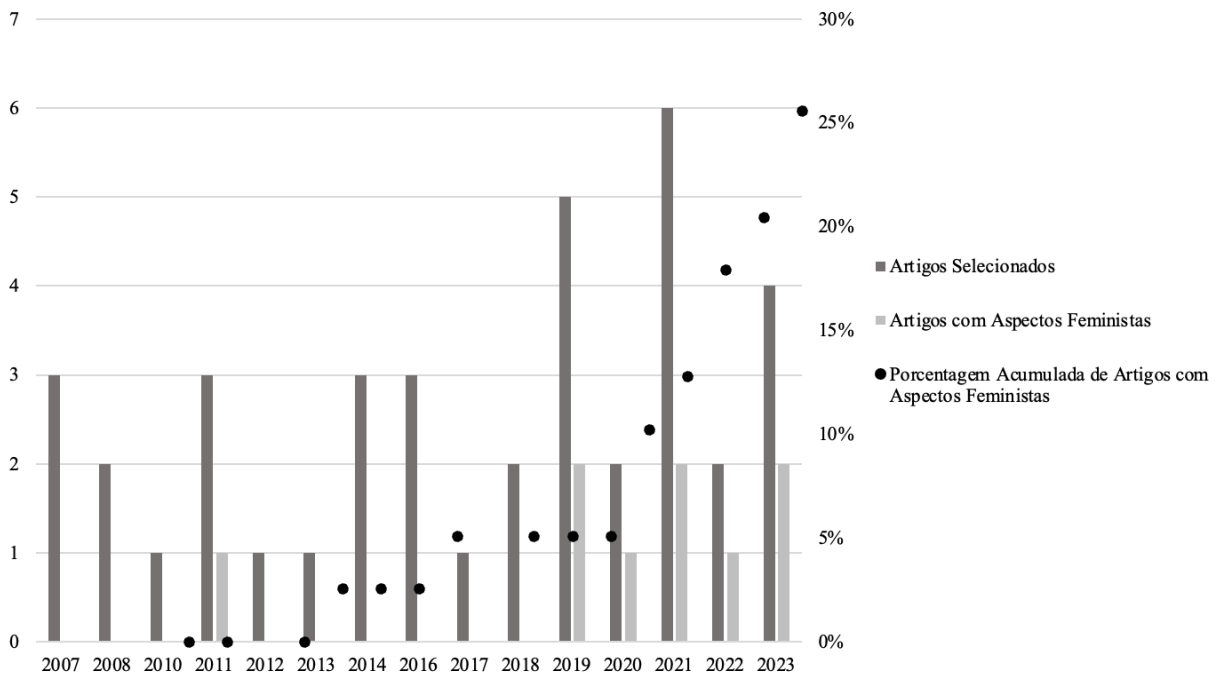
Figura 10: Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista ACTA Comportamentalia



Como apresentado no gráfico, os anos de 2019 e 2021 foram os anos com mais publicações, cada um com seis. A revista ACTA apresentou um crescimento constante nas publicações selecionadas desde o ano de 2007, com um aumento mais significativo do ano de 2019 em diante, como sugere a curva de percentagem acumulada.

A Figura 11 descreve a relação entre os textos selecionados e os textos com aspectos feministas no periódico ACTA.

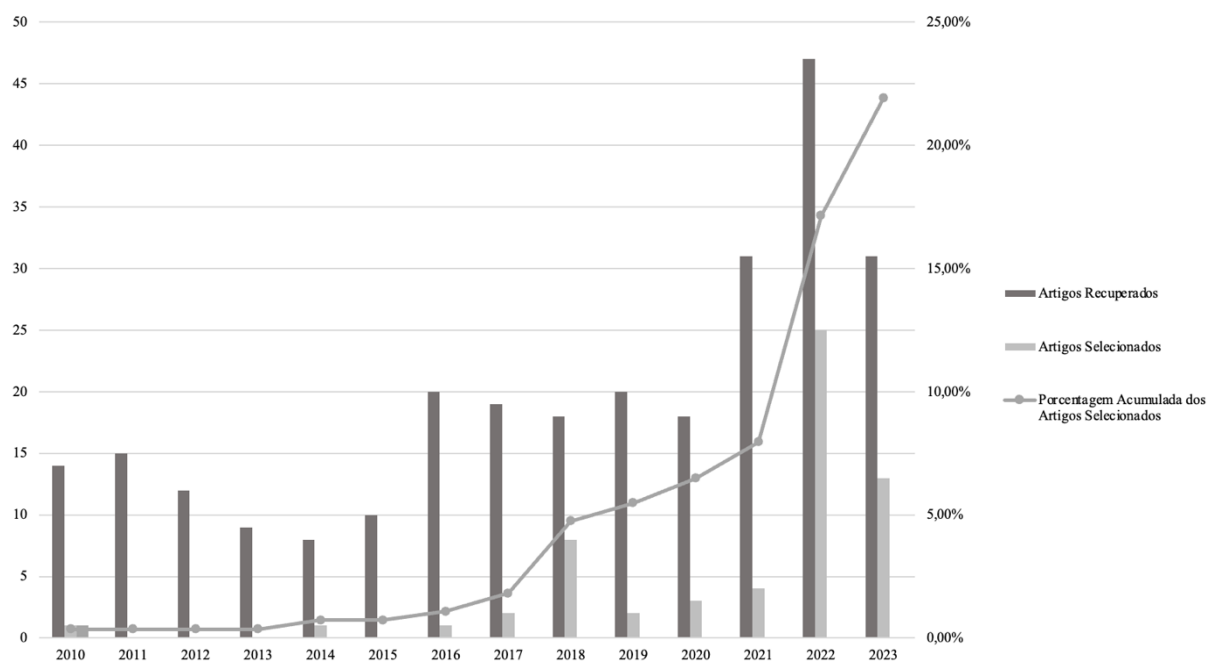
Figura 11: Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e percentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista ACTA Comportamentalia



Esse periódico apresentou 10 artigos que abordaram aspectos feministas em suas discussões, publicados nos anos de 2011, 2014, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023. Dentre esses artigos, 90% foram publicados no segundo período (2014-2023), o que aponta, conforme a curva de porcentagem acumulada, para um aumento significativo nesse período.

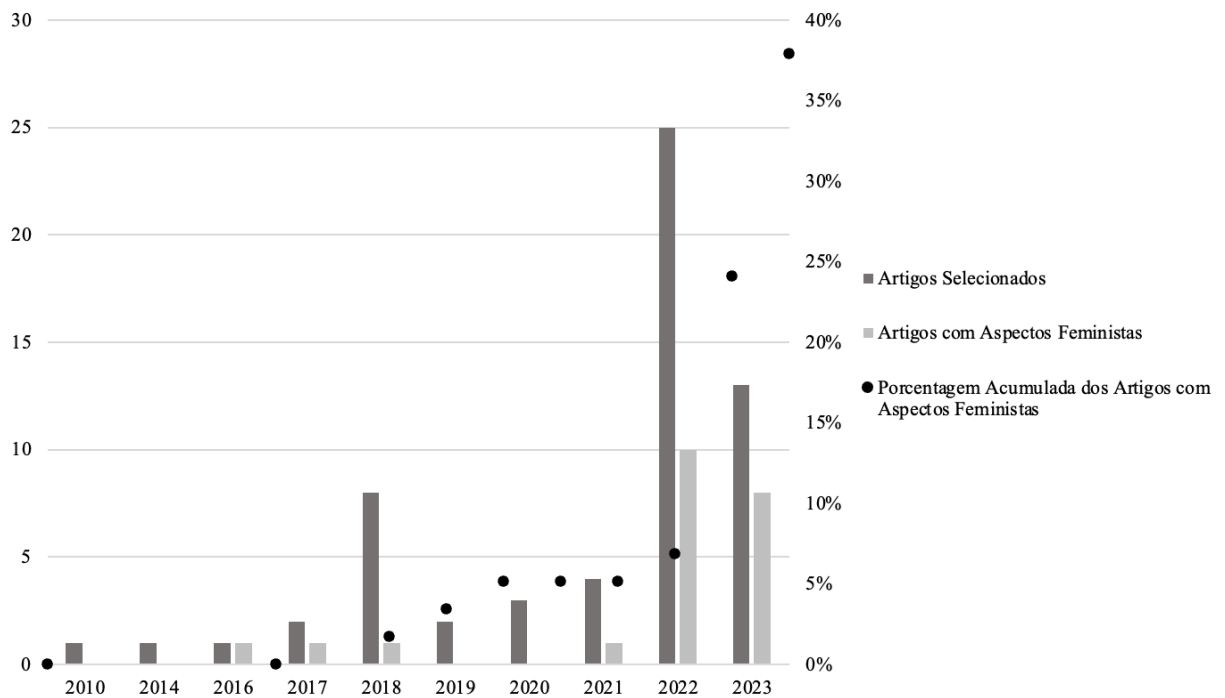
Por fim, a Figura 12 representa o material retirado da análise do periódico PAC.

Figura 12: *Porcentagem acumulada dos artigos recuperados e selecionados por ano na Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*



No periódico PAC, o ano de 2022 selecionou 25 artigos, mais de 50% do total das publicações do ano. A curva acumulada apresenta um aumento nas publicações selecionadas a partir do ano de 2018, com um aumento significativo do ano de 2021 para 2022. A Figura 13 abordou os dados obtidos na análise entre os artigos selecionados e os artigos com aspectos feministas da PAC.

Figura 13: *Total por ano, de publicações selecionadas e publicações com aspectos feministas e porcentagem acumulada de artigos selecionados com aspectos feministas na Revista Perspectivas em Análise do Comportamento*

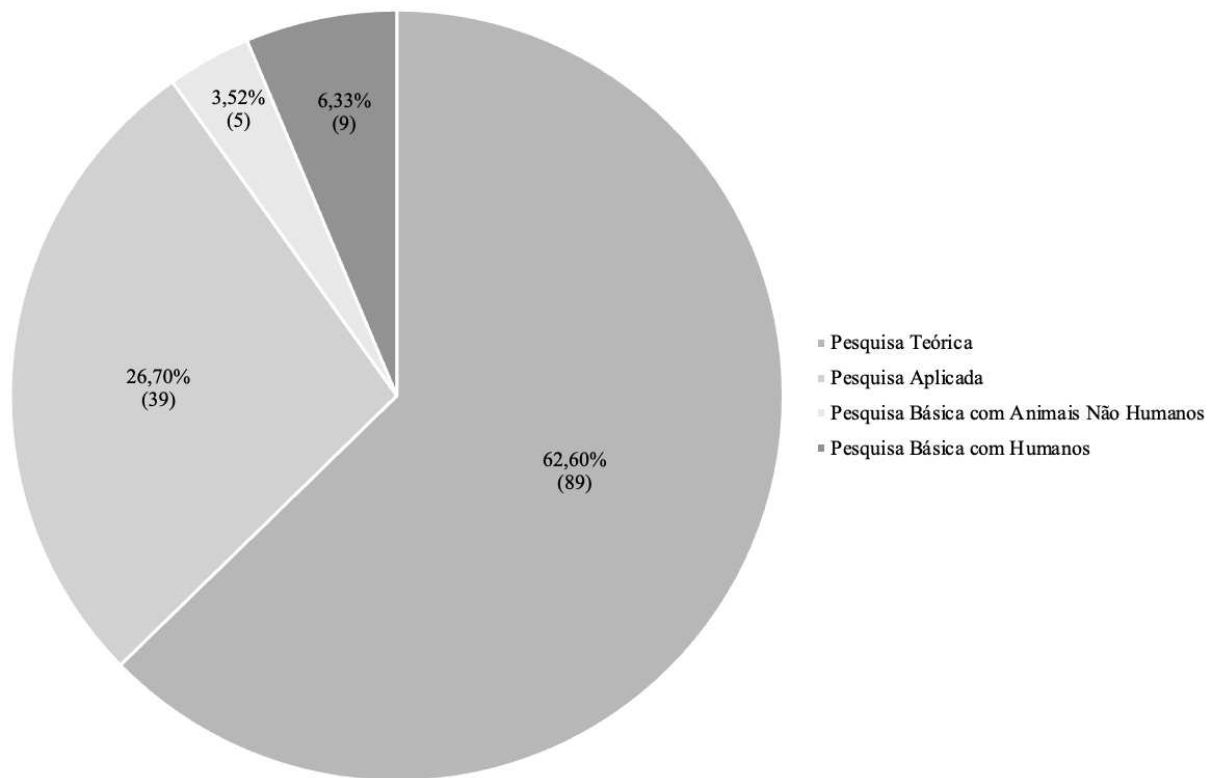


Dentre os periódicos analisados nesta pesquisa, a *Perspectivas* foi a que mais relatou aproximações com aspectos feministas, com um total de 22 (52,3%) artigos que realizaram tal análise. Não houve publicações com aspectos feministas no primeiro período. Já o ano de 2022 foi o com maior destaque, com 10 (40%) trabalhos selecionados.

A natureza das pesquisas selecionadas

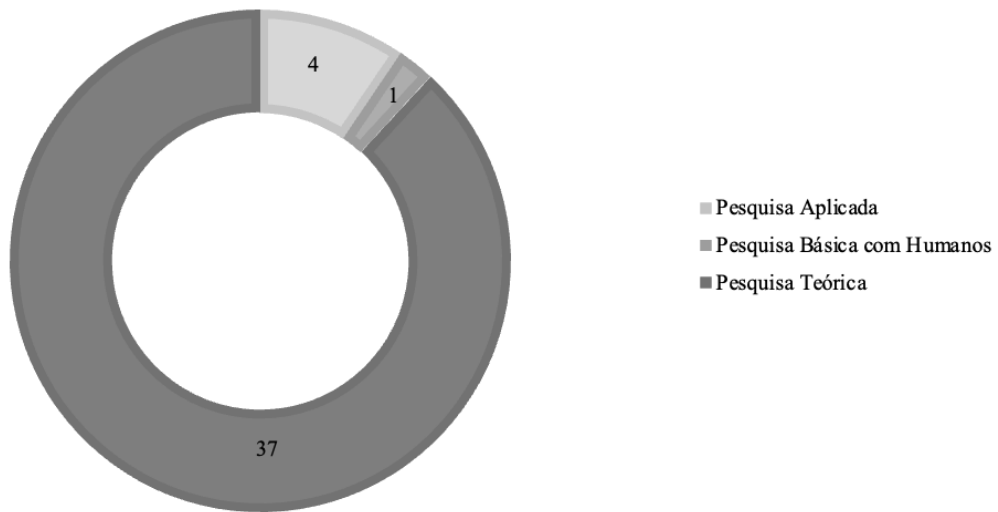
A natureza da pesquisa dos artigos selecionados foi evidenciada na Figura 14.

Figura 14: *Distribuição do percentual de categorias concernentes à natureza das pesquisas das publicações selecionadas*



Na amostra de 142 artigos selecionados, a maioria é de natureza teórica 89 (62,6%), seguido da pesquisa aplicada 39 (27,4%), pesquisa Básica com Humanos 9 (6,33%) e a pesquisa básica com animais não humanos 5 (3,52%). A Figura 15 mostra a relação entre a natureza de pesquisa dos artigos selecionados e os artigos que apresentaram aspectos feministas.

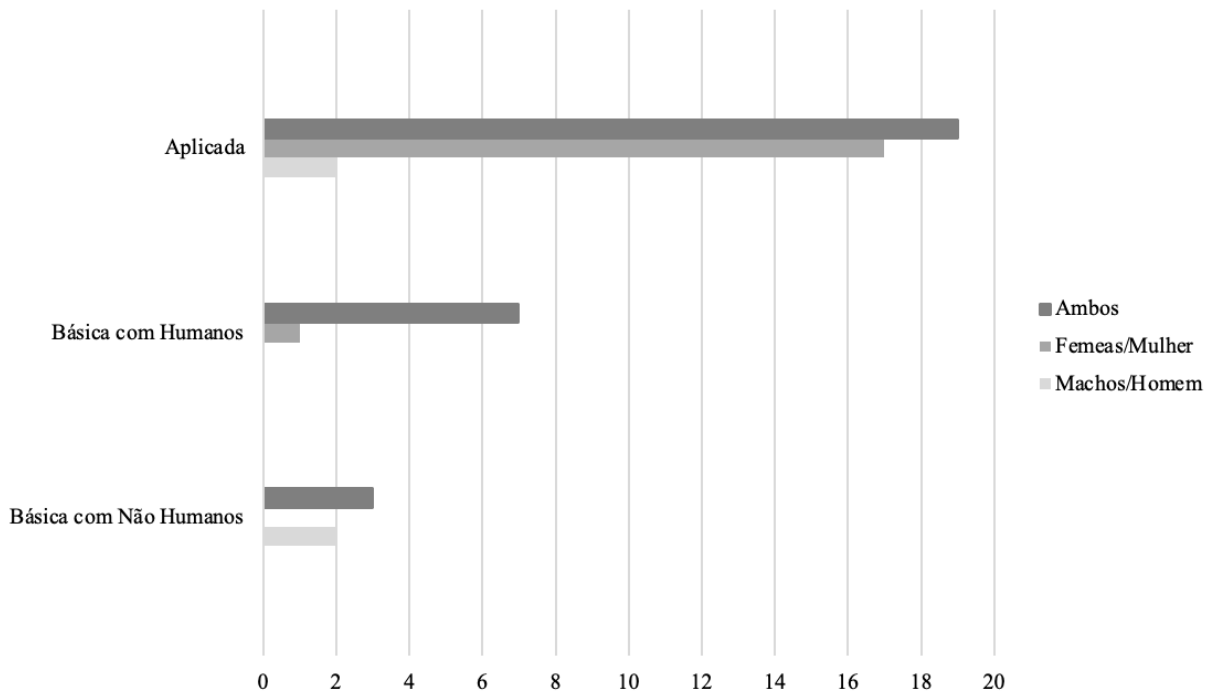
Figura 15: *Categorias concernentes à natureza das pesquisas das publicações que apresentaram aspectos feministas*



As pesquisas de natureza teórica foram as que mais abarcaram aspectos feministas, com 37 (41,5%) artigos dos 89 selecionados. Já na pesquisa aplicada, dos 38 artigos, apenas quatro (10,5%) abarcaram elementos feministas. A pesquisa básica com humanos, por sua vez, contou com apenas uma (11,1%) publicação que abordou aspectos feministas. Não houve artigos selecionados de natureza básica com animais não humanos que realizou tal relação.

A Figura 16 descreveu a identificação dos sujeitos presentes nos estudos aplicados e básicos com humanos e animais não humanos.

Figura 16: *Sexo/Gênero dos sujeitos em artigos selecionados de natureza aplicada e básica*



Dos 39 artigos de natureza aplicada, majoritariamente os estudos foram híbridos, ou seja, com sujeitos de ambos os sexos. Porém, não foram justificadas as escolhas das amostras em nenhum dos artigos analisados. Com respeito aos artigos básicos com humanos, não foram constatados artigos exclusivamente com homens, porém a maior parte das amostras também eram híbridas. Por fim, nos artigos básicos com animais não humanos, não foram encontrados estudos com sujeitos fêmeas. Houve apenas uma justificativa para a utilização de fêmeas em uma pesquisa híbrida, na qual os autores argumentam a falta de disponibilidade de sujeitos machos para a pesquisa.

A Tabela 8 apresentou o total de artigos selecionados por natureza de pesquisa por periódico.

Tabela 8

Total de artigos selecionados por natureza de pesquisa por periódico

| Periódico N=142 | Pesquisas Teóricas N=89 | Pesquisas Aplicadas N=39 | Pesquisas Básicas N=14 |
|---------------------------|---|--|--|
| ACTA (início em 1993) | 21 (23,60%) | 11 (28,95%) | 7 (50%) |
| PAC (início em 2010) | 42 (47,19%) | 12(28,95%) | 4 (28,58%) |
| REBAC (início em 2005) | 12 (13,48%) | 4 (10,52%) | 2 (14,28%) |
| RBTCC (início em 1999) | 14 (15,73%) | 12 (31,58%) | 1(7,14%) |

A PAC foi o periódico que publicou o maior número de pesquisas de natureza teórica que apresentou termos relacionados ao gênero e sexo femininos. No âmbito das pesquisas aplicadas, a RBTCC se destacou como o periódico que exibiu mais artigos dessa natureza com termos relativos à temática desta pesquisa. No domínio das pesquisas básicas, a ACTA foi a que apresentou mais artigos compatíveis com os critérios de inclusão definidos neste estudo. Em relação aos artigos que apresentaram aspectos feministas, o periódico que mais apareceu foi a PAC, com 23 (39,6%) dos 58 artigos selecionados. A RBTCC teve a menor proporção, com 5 (18,5%) dos 27 artigos selecionados discutindo questões feministas.

Sobre o gênero e filiação institucional da autoria dos artigos selecionados feministas

Os textos que abordaram aspectos feministas foram caracterizados na Tabela 5 (ver Apêndice B). Dos 42 artigos selecionados, 18 (42,8%) foram escritos apenas por autoras mulheres, em comparação a cinco (11,9%) publicados apenas por homens. Já os textos que tiveram autores/as de ambos os gêneros foram divididos por publicações com primeira autora mulher e publicações com primeiro autor homem. No primeiro grupo, referente aos artigos

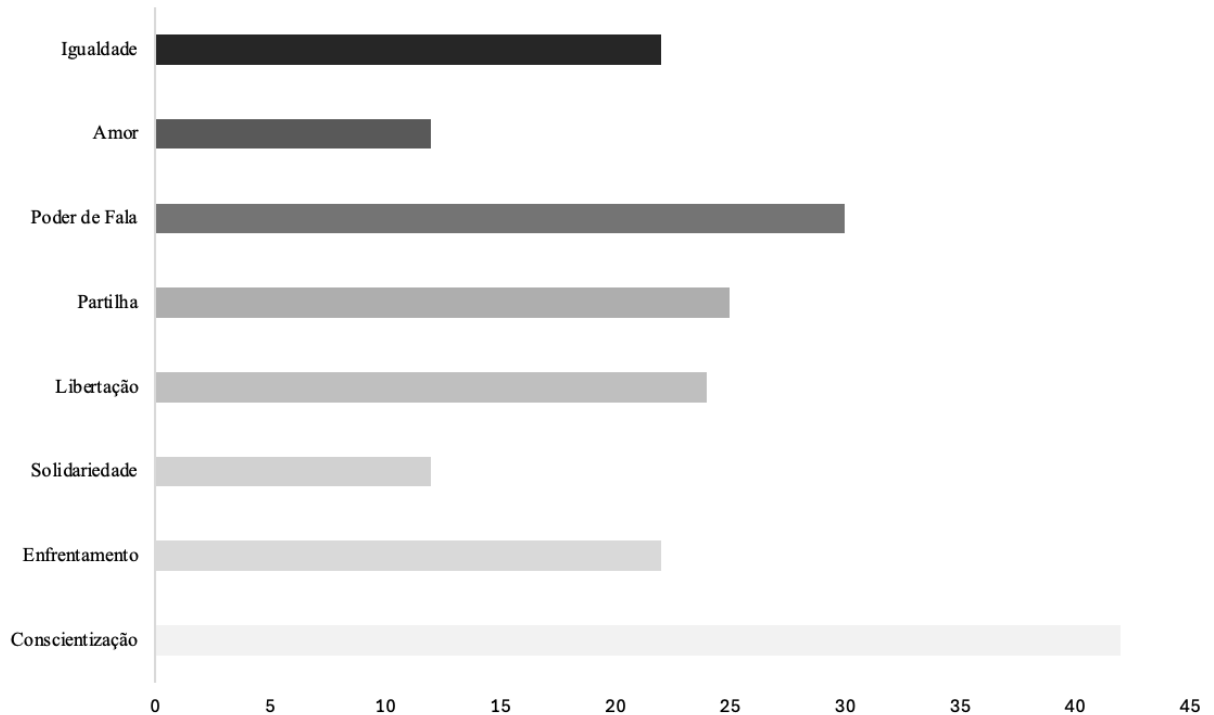
que tiveram mulheres como primeira autora, 12 (28,5%) artigos foram encontrados, enquanto sete (16,6%) foram redigidos por homens em primeira autoria.

Além da análise de autores por gênero, foi possível constatar que na autoria dos artigos feministas selecionados, dois pesquisadores mostraram-se mais frequentes. A pesquisadora Carolina Laurenti, da Universidade Estadual de Maringá, foi a que mais figurou como autora e/ou coautora, estando em sete (16,6%) dos artigos que abarcaram termos feministas em suas pesquisas. O pesquisador Alexandre Dittrich veio em seguida, sendo relatado como coautor em quatro (9,5%) dos textos selecionados por abarcarem tópicos de discussões feministas, sendo filiado à Universidade Federal do Paraná.

Aspectos feministas abarcados nos textos selecionados

Os artigos selecionados que apresentaram aspectos feministas foram analisados com base nos valores feministas descritos por bell hooks e debatidos por Carneiro e Santos (2021). Na tabela 5 (ver Apêndice C), foram sistematizadas as referências de cada artigo teórico, bem como as respostas das perguntas discutidas nas tabelas 1, 2, 3 e 4. Tendo isso em vista, sete artigos apresentaram os seis valores analisados; 10 continham cinco valores; outros sete continham quatro aspectos feministas; três tinham três valores feministas em suas discussões; seis abarcaram apenas dois valores feministas, e, por fim, quatro apresentaram apenas um. Os dados obtidos foram sistematizados na figura abaixo.

Figura 17: *Valores feministas presentes nos artigos com aspectos feministas*



O valor que mais apareceu foi a Conscientização (desenvolver consciência crítica das forças opressivas contra mulheres), sendo constatado em 100% dos artigos com aspectos feministas. Em seguida, o Poder de Fala (verbalizar sobre opressões que silenciam às mulheres) foi discutido em 30 (71,4%) dos textos. Já o valor da Partilha (aceitar a responsabilidade de compartilhar conhecimentos inclusivos) foi identificado em 25 (59,5%) dos artigos selecionados. A Libertação (buscar a liberdade como forma de igualdade entre homens e mulheres) abrangeu 24 (57,1%) dos trabalhos analisados, enquanto o Enfrentamento e a Igualdade (promover a resistência contra práticas opressivas de forma ética e recíproca) estiveram presentes em 22 (52,3%). O valor da Solidariedade, em conjunto com o Amor (utilizar o amor como forma de amparar mulheres na resistência por meio da criação de estratégias coletivas) foram os que menos apareceram, com 12 (28,5%) ocorrências cada.

Discussão

A presença de mulheres em publicações analítico-comportamentais

Embora os textos analítico-comportamentais que estudam o comportamento feminino tenham se mostrado majoritariamente baseados em uma psicologia da mulher, é notável que, após as primeiras publicações da área, tem sido possível observar a presença crescente de aspectos feministas em publicações recentes. Anteriormente, a *Análise do Comportamento* apresentava uma visão tradicional das diferenças de gênero, muitas vezes perpetuando estereótipos e negligenciando as contingências das vivências femininas. Entretanto, a partir das primeiras publicações nacionais que integraram perspectivas feministas, é possível perceber uma mudança nesse panorama. Estudos pioneiros trouxeram à tona a importância de considerar as questões de gênero de maneira crítica e inclusiva, como os artigos publicados por Ruiz (1995, 1998, 2003) que destacaram como a inserção de uma perspectiva feminista poderia enriquecer a compreensão dos comportamentos femininos, oferecendo uma análise mais completa e crítica das práticas culturais que perpetuam a opressão de homens contra mulheres.

Em nossa análise quantitativa, foi constatado que apenas 8,9% dos textos recuperados nos periódicos nacionais especializados em *Análise do Comportamento*, mais a *ACTA*, foram selecionados por conterem ao menos três das palavras-chave mencionadas anteriormente, serem escritos em português e na orientação analítico-comportamental. Tendo esse dado em vista, é possível questionar que, embora a *Análise do Comportamento* tenha se proposto a estudar o comportamento feminino, essa inclusão ainda é bastante limitada em termos quantitativos. Não obstante a importância da inserção de perspectivas femininas sobre fenômenos comportamentais complexos para a área, é fundamental questionar de que maneira essas discussões vêm sendo abordadas, pois não basta mencionar mulheres nos estudos; é preciso que essas discussões sejam conduzidas a partir de uma perspectiva feminista, como mencionado por Laurenti (2023)

. . . a adoção de uma perspectiva feminista, ao dar relevo às particularidades das experiências pessoais e coletivas das mulheres, não nega ou interdita a busca por conceitos e leis gerais do comportamento humano. Em vez disso, tal perspectiva se vale justamente deles para elucidar a especificidade dos efeitos comportamentais gerados nas mulheres, em razão de serem expostas a contingências sociais patriarcais em diferentes esferas de sua vida. (p. 157)

A inserção de uma perspectiva feminista vem sendo proposta na psicologia desde a década de 1960 nos Estados Unidos, com a criação de departamentos específicos em universidades americanas e de estudos propostos por pesquisadores/as que buscavam compreender gênero de uma maneira contextual, e não mais essencialista (que consideravam questões de gênero como inatas e imutáveis) como vinham sendo discutidas ao longo de décadas (Couto, 2023). A partir da aproximação com o movimento feminista, a psicologia adquiriu também a posição de um importante mecanismo de “. . . inovação, de mudança social e de serviço público” (Neves & Nogueira, 2003, p. 52), pois se propôs a questionar e contestar definições tradicionais de gênero. Porém, essa não é realidade brasileira, uma vez que “. . . princípios feministas não figuram como um compromisso constante na psicologia brasileira, especialmente nas áreas aplicadas” (Couto, 2023, p. 249).

As primeiras aproximações entre a Análise do Comportamento e o feminismo, foram difundidas principalmente pelos estudos propostos por Maria Ruiz, uma das mais importantes pesquisadoras na área. Ruiz (1998) argumentava que a inserção de perspectivas feministas poderia enriquecer a compreensão dos comportamentos femininos, fornecendo uma análise mais completa e crítica das práticas culturais que perpetuavam a opressão de homens contra mulheres. Para a autora, ao ignorar questões de gênero, a Análise do Comportamento deixava de reconhecer a influência significativa que as normas sociais e culturais exerciam sobre o comportamento. Nas palavras de Ruiz (1998):

O momento é ideal para os behavioristas radicais adentrarem as discussões sobre as questões feministas, que estão entrando em sua quinta década de desenvolvimento. O crescente impacto dos estudos feministas, do ativismo e da política vai continuar sem a nossa contribuição, mas, para os behavioristas, permanecer em silêncio significaria uma perda para todos. Nossos pontos em comum incluem raízes históricas, visões de possibilidades transformadoras no comportamento humano e o compromisso de criar ambientes ideais para o desenvolvimento comportamental. Uma fusão é ideal para as duas comunidades. As feministas podem usar nossas ferramentas com bons resultados e nós podemos integrar a orientação feminista em áreas importantes nas quais uma ação eficaz é extremamente necessária. (p. 190)⁴

Apesar dos esforços de Ruiz para aproximar a Análise do Comportamento do feminismo, é apenas em 2014 que acontece a primeira publicação nacional feminista, na forma de artigo, escrita por Fideles e Vandenberghe (2014). A partir disso, foi criado o Coletivo Feminista Marias e Amélias de Mulheres Analistas do Comportamento e formado grupos de interesse em congressos analítico-comportamentais (Laurenti, 2023). Além da criação de coletivos e formações de grupos sobre o comportamento feminino, é possível observar um crescente aumento de publicações sobre a temática em periódicos nacionais especializados (Carneiro & Santos, 2021; Kuratani et al., 2022; Linhares & Laurenti, 2018; Zanuto & Laurenti, 2021) e em capítulos de livros (Couto, 2023; Laurenti, 2023).

A inserção de uma perspectiva feminista na Análise do Comportamento fornece ganhos importantes para a área (Laurenti, 2019). Porém, dentre os 142 textos selecionados,

⁴ Tradução do original: “the time is ripe for radical behaviorists to join the conversation on feminist issues that is entering its fifth decade of development. The growing impact of feminist scholarship, activism, and politics will continue without our input, but for behaviorists to remain silent would mean a loss for all. Our commonalities include historical roots, visions of the transformative possibilities of human behavior, and the commitment to create optimal environments for behavioral development. A merger is ideal of both communities. Feminists can use our tools to good effect, and we can integrate the feminist orientation in important areas in which effective action is sorely need”.

apenas 42 (29,5%) apresentaram ao menos algum aspecto feminista em suas discussões, sendo quatro (9,5%) publicados antes da primeira publicação feminista nacional datada em 2014 e 38 (90,5%) após esse período. Tais dados sugerem que a discussão sobre o comportamento feminino na área tem se pautado majoritariamente na psicologia da mulher, apontando a necessidade de mais estudos que busquem explorar as relações entre o social, o político e as mulheres, possibilitando a criação de estratégias e a proposta de mudanças nas práticas culturais patriarcais, visando o fim da opressão contra mulheres.

Características dos aspectos feministas abordados nos artigos selecionados

Com base nos resultados apresentados, dos 42 artigos selecionados com aspectos feministas, 4 (9,5%) foram publicados no primeiro período, datado de 2003 a 2013, e 38 (90,5%) no segundo período (2014-2023). Tendo em vista as referências mencionadas por Couto e Dittrich (2017), 27 (64,2%) textos citaram ao menos uma das publicações mencionadas, sem citações registradas no primeiro período. Embora tenha sido retratado na revisão de literatura de Couto e Dittrich (2017) textos da Ruiz publicados anteriormente ou durante os anos de 2003 e 2013, os primeiros artigos nacionais publicados datam de 2014, 2016 e 2017, o que sugere que a publicação de tais estudos pode ter impactado na maneira com que pesquisadores/as abordam o comportamento feminino ou observam fenômenos comportamentais, demonstrando assim, a importância de estudos feministas para a publicação de novas pesquisas.

Para analisar a inserção de uma perspectiva feminista nos textos analítico-comportamentais, foram buscados nos textos teóricos e aplicados os valores feministas apresentados por Carneiro e Santos (2021) e propostos por bell hooks. O valor da Conscientização foi o que mais apareceu, sendo retratado em 100% dos textos. O segundo valor com maior incidência foi o Poder de fala, constatado em 30 (71,4%) artigos. A Partilha

foi o terceiro valor mais discutido, aparecendo em 25 (59,5%) pesquisas. Em quarto lugar, o valor da Libertação foi encontrado em 24 (57,1%) dos trabalhos. Em seguida, os valores do Enfrentamento e da Igualdade foram apresentados em 22 (52,3%) dos textos selecionados. E, por fim, a Solidariedade e o Amor foram os que menos apareceram, com 12 (28,5%) constatações.

A Conscientização, definida como a observação e identificação de práticas culturais opressivas contra mulheres, constatada em todos os textos, sugere que os autores/as têm se atentado à existência de práticas culturais opressivas. Por exemplo, Correia e Borlotti (2011) ao debaterem depressão em mulheres afirmam que “. . . Muitos dos leitores já ouviram pelo menos uma mulher afirmar que queria ter nascido homem. As razões pelas quais elas dizem isto, em geral, devem-se às condições opressivas da condição feminina na sociedade . . .” (p. 361). Freitas e Moraes (2019) discutem a cultura do estupro à luz da Análise do Comportamento e apresentam “ A cultura brasileira, e da maior parte da população mundial, tem sido descrita como patriarcal. O patriarcado consiste em uma forma de organização e de dominação social fundamentada na exploração dos homens sobre as mulheres . . .” (p. 112). Outro exemplo se dá no texto de Silva e Laurenti (2016) que ao abordarem aproximações entre o comportamentalismo radical e a filósofa Simone de Beauvoir, distinguem sexo e gênero e, para isso, apresentam que o sexo é um dado biológico, enquanto o gênero é uma construção social e cultural, modelada por práticas e regras que variam conforme o contexto histórico e social. Essa distinção é fundamental para entender como comportamentos gendrados podem ser moldados e modificados, contribuindo para a conscientização e a promoção de mudanças nas práticas opressivas. Tendo isso em vista, as autoras afirmam que

Separar sexo de gênero contribuiu, então, para mostrar que práticas culturais que favorecem os homens em detrimento das mulheres estavam sendo justificadas por concepções que reduziavam, equivocadamente, questões sociais, como o lugar da mulher

na sociedade e os estereótipos de feminilidade (gênero), a aspectos biológicos (sexo).

(Silva & Laurenti, 2016, p. 207)

Além da temática discutida por Silva e Laurenti (2016), Rezende e Dittrich (2022) também abordam a conscientização ao discutirem a descriminalização do aborto no Brasil, apontando que

Outro efeito da criminalização do aborto de cunho social, ou cultural é a manutenção da desigualdade social e de gênero na sociedade, referindo-se à punição explicitamente voltada à mulher - ou homem transgênero - que aborta, reforçando os papéis de gênero como a maternagem compulsória, forçando essas pessoas a manter gravidezes indesejadas. (p. 256)

Apesar de a identificação de práticas culturais opressivas ser relevante, não é suficiente, uma vez que se faz necessário buscar formas de controlar práticas opressivas, visando mudanças nos modelos culturais opressores, como o patriarcado. Para que isso ocorra, os valores Poder de fala, Partilha, Libertação, Enfrentamento, Solidariedade, Igualdade e Amor precisam ser pensados de forma conjunta, como exposto por Paixão-Junior (2022): “A educação da sensibilidade se torna, então, uma educação para a política pois adotar práticas culturais com valor de sobrevivência significa combater culturas sustentadas pelas injustiças e desigualdades sociais” (p. 315). É a partir da aceitação de uma responsabilidade coletiva da academia na produção de conhecimentos enviesados e do estabelecimento de uma responsabilidade por parte da comunidade científica em promover uma ciência cada vez mais justa, que se forma o valor da Partilha, pois ao pesquisador que não se posicionar em situações que produzem racismo, sexismo e pobreza em nome da neutralidade científica, cabe a reprodução de tais práticas (Paixão-Junior, 2022). Ao abordar tais pontos, o valor da Libertação, apontado por Carneiro e Santos (2021) como condição essencial para enfraquecer as práticas culturais opressivas em busca da igualdade é colocado

em prática, questionando assim comportamentos que anteriormente eram apenas reproduzidos.

Além de buscar maneiras para enfraquecer práticas opressivas, é necessário também propor maneiras de resistência às práticas sexistas por meio do enfrentamento e da igualdade, contracontrolando as práticas opressivas, bem como a criação de estratégias para mudanças, como apontam Laurenti e Lopes (2022) ao discutir uma Análise do Comportamento Contracultura:

Esse potencial contracultural exige, no entanto, o abandono da noção de neutralidade política na comunidade analítico-comportamental brasileira. A visão de uma ciência politicamente neutra deixa incólume práticas culturais opressivas que podem inclusive controlar o comportamento de analistas do comportamento. Abandonando esse mito, a análise funcional pode se converter em um meio para descortinar formas de controle social excludentes e injustas, e que são responsáveis por muitos problemas investigados e tratados por analistas do comportamento. (p. 37)

Embora todos esses valores apareçam de maneira descritiva por Carneiro e Santos (2021), é possível perceber a importância de pesquisas que contemplem também outros valores e que assim se complementem.

Natureza de pesquisa os artigos selecionados feministas

Os artigos que apresentaram aspectos feministas eram, em sua maioria, de natureza teórica, tendo apenas quatro de natureza aplicada e um de natureza básica com humanos. Tendo isso em vista, mais de 90% dos textos foram escritos em propostas teóricas, como revisões bibliográficas (Backschat & Laurenti, 2023; Cravo et al., 2022), análises de fenômenos sociais (Fontana & Laurenti, 2019; Freitas & Morais, 2019; Moreira & Oliveira, 2023; Nicolodi & Hunziker, 2021), análises filosóficas (Couto & Dittrich, 2017; Laurenti &

Lopes, 2022; Silva & Laurenti, 2016) entre outros. Quatro textos (9,5%) buscaram se aproximar estudos aplicados de discussões feministas, com o objetivo de caracterizar classes de comportamentos (Silva & Viecili, 2022), identificar variáveis de comportamentos, relações abusivas e violência contra mulheres (Gomes & Costa, 2014; Lacerda & Costa, 2013; Pereira et al., 2018). Por outro lado, há ainda a necessidade de mais estudos aplicados que se proponham a:

. . . dar visibilidade as especificidades socialmente construídas das experiências de mulheres em relação aos homens, bem como àqueles que existem entre as próprias mulheres, recorrendo-se ao entrelaçamento de marcadores sociais da diferença (por exemplo, raça, classe, orientação sexual, religião) para compreender as distintas formas de opressão que incidem sobre elas. (Laurenti, 2023, p. 156)

A análise, apenas um artigo de natureza básica abordou tais aspectos, discutindo transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas a gênero e profissão (Rosendo & Melo, 2018), realizado com humanos.

Nenhum dos textos básicos com animais não humanos discutiu aspectos feministas, porém é possível observar a necessidade de discutir a variável sexo em tais pesquisas. Segundo Fernandes et al. (2023), embora tenham sido realizados esforços mundialmente reconhecidos para a inclusão de fêmeas em estudos experimentais, como a criação do “*Gender Basic Project*” em 2005 pela União Europeia, bem como a proposta política “*Inclusion of women and minorities in clinical research*” do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, que visavam a obrigatoriedade da utilização de fêmeas em pesquisas experimentais, não aparenta ser a realidade vigente em textos analítico-comportamentais (Woitowich & Woodruff, 2019). A problemática que envolve a utilização exclusiva de machos, se dá pois

A generalização dos resultados obtidos com amostras compostas apenas de machos para a população geral pode não representar a amplitude de um fenômeno comportamental. Isto é, a generalização de resultados sem a consideração de possíveis diferenças entre animais de sexos distintos pode obstruir a evolução do conhecimento científico e a fidedignidade dos dados obtidos. (Fernandes et al., 2023, p. 105)

Sendo assim, faz-se necessário questionar para qual público as pesquisas experimentais em Análise do Comportamento têm sido direcionadas, uma vez que ao não considerar as diferenças existentes entre animais machos e fêmeas, os pesquisadores/as assumem uma posição enviesada e parcial de fenômenos e processos comportamentais (Fernandes et al., 2023), comprometendo assim o fazer científico e suas contribuições as diversas áreas da psicologia.

Análise por periódicos de artigos feministas selecionados

Em uma análise pormenorizada dos periódicos analisados, foi possível constatar que o que mais apresentou publicações feministas foi a Revista PAC, com 23 (54,7%) artigos enquanto o que menos apresentou foi a REBAC, com quatro (9,5%). A quantidade de artigos que apresentaram tais aspectos na revista PAC foi mais que o dobro do que o segundo periódico, a ACTA, com 10 artigos. A discrepância entre tais periódicos pode estar relacionada à publicação de dois volumes especiais pelo periódico, sendo eles “Volume especial sobre Estresse de Minorias”, publicado em 2022 e o “Volume especial sobre Clínica e Cultura”, publicado em 2023, sendo estes os anos com maior quantidade de artigos selecionados.

Tendo isso em vista, é necessário explorar a importância da institucionalização de políticas científicas na área acadêmica sobre questões feministas (Laurenti et al., 2019), buscando a promoção da igualdade de gênero na academia, assegurando que as perspectivas

das mulheres e as variáveis mantenedoras de seus comportamentos sejam sistematicamente consideradas, possibilitando estudos mais inclusivos e abrangentes, capazes de melhorar a qualidade e a aplicabilidade dos resultados (Laurenti, 2023). A criação de tais políticas poderia, também, auxiliar no combate ao silenciamento e a invisibilidade histórica das mulheres na ciência, reconhecendo suas contribuições e incentivando mais pesquisadores/as a explorar questões feministas, aumentando a quantidade e a qualidade da pesquisa nessa área (Pereira & Marques, 2023). Sendo assim, a institucionalização de políticas científicas que considerem a interseccionalidade e se proponham a analisar de que maneira as diferentes formas de opressão e discriminação interagem com questões de gênero, permite idealizar políticas públicas mais justas e equitativas, capazes de contribuir para mudanças sociais positivas.

Gênero da autoria dos artigos selecionados feministas

No que diz respeito aos/as autores/as dos textos considerados feministas, 30 (71,4%) foram escritos apenas por mulheres ou tiveram como primeira autora alguma mulher, o que sugere um interesse maior da comunidade feminina em abarcar tais temáticas em seus estudos. Com o objetivo de analisar quais autores/as, centros ou grupos têm se dedicado a realizar estudos sobre tais temas, a pesquisadora Carolina Laurenti, da Universidade Estadual de Maringá, apareceu como autora e/ou coautora em sete artigos, se mostrando como uma referência sobre questões relacionadas às mulheres na Análise do Comportamento. Em uma sociedade, as práticas culturais patriarcais vigentes são variáveis relevantes a serem consideradas em todas as esferas, incluindo a produção científica (Pereira & Marques, 2023). Considerar diferenças de gênero na academia se faz necessário para compreender o apagamento e a negligência de questões femininas nos estudos analítico-comportamentais (Pereira & Marques, 2023). Sendo assim, a autoria e coautoria de Carolina Laurenti

demonstra um compromisso da autora com discussões feministas e aproximações com a Análise do Comportamento, destacando a importância de se ter mulheres pesquisadoras e feministas que se posicionem como protagonistas na produção de conhecimento científico, especialmente em áreas que discutem e analisam as próprias experiências e desafios enfrentados pelas mulheres (Pereira & Marques, 2023).

Por outro lado, a menção ao professor Alexandre Dittrich, da Universidade Federal do Paraná, como coautor de quatro estudos, também é significativa. A colaboração de homens em estudos feministas aponta para a necessidade de se posicionarem como aliados da causa feminista, contribuindo para a construção de um conhecimento inclusivo e equitativo (Mizael, 2021). A presença de homens em pesquisas feministas não apenas aumenta a diversidade de perspectivas, mas também auxilia na desconstrução de estereótipos de gênero e de normas sociais que perpetuam a desigualdade de gênero (DeFelice & Diller, 2019).

No entanto, é essencial reconhecer que a predominância de mulheres como autoras principais em estudos feministas pode ser vista não apenas como resistência, mas também como uma indicação de que esses temas ainda são, muitas vezes, considerados de menor importância por uma parte significativa da comunidade científica, tradicionalmente dominada por homens. Para que questões feministas sejam integradas e discutidas no campo acadêmico, é necessário que tanto mulheres quanto homens se envolvam nesses debates, reconhecendo seu papel e importância na produção de conhecimento.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo apresentar um panorama a respeito de quando e como aspectos feministas tornaram-se presentes nos estudos analítico-comportamentais brasileiros com termos sobre gênero e sexo femininos. Com base na análise realizada, foi possível observar que artigos analítico-comportamentais abordassem questões sobre sexo e gênero feminino começaram a ser mais sistematicamente publicados a partir de 2007. No entanto, a presença dessas discussões foi inicialmente limitada e esporádica, com uma maior ênfase em uma psicologia da mulher tradicional, não pautada em fenômenos culturais. As questões feministas começaram a aparecer de forma mais sistemática a partir de 2014. Antes desse período, apenas quatro artigos, de um total de 1591 publicados em periódicos nacionais especializados em Análise do Comportamento, apresentaram algum aspecto feminista em suas discussões. Após 2014, houve um aumento significativo, com 38 artigos incorporando perspectivas feministas de maneira mais explícita e crítica. No que diz respeito a natureza de pesquisa dos artigos selecionados com aspectos feministas, os estudos foram, majoritariamente, artigos teóricos, seguidos de pesquisas aplicadas, pesquisas básicas com humanos e pesquisas básicas com animais não humanos.

Os aspectos feministas mais destacados nesses estudos incluíram a consciência crítica e social das forças opressivas contra mulheres; a expressão verbal das opressões que geralmente silenciam mulheres; a aceitação da responsabilidade por parte dos pesquisadores/as no compartilhamento de conhecimento e experiências que visem evitar a perpetuação de tais práticas e a busca de oportunidades de igualdade a nível individual e social. Por sua vez, os artigos que mais abordaram tais aspectos estavam publicados no periódico PAC, com aproximadamente 40% dos artigos selecionados apresentando aspectos feministas, seguido da ACTA, REBAC e RBTCC. Os autores desses estudos frequentemente

citaram referências importantes no campo da Análise do Comportamento e feminismo, destacando a relevância de integrar perspectivas feministas para uma compreensão mais completa e crítica do comportamento.

Os primeiros estudos feministas nacionais, publicados entre 2014 e 2017, desempenharam um papel crucial ao introduzir essas discussões de maneira mais sistemática. A análise das referências revelou que 64,2% dos textos feministas posteriores citaram ao menos uma das publicações pioneiras, indicando um impacto significativo na maneira como os pesquisadores abordam o comportamento feminino e observam fenômenos comportamentais. Além disso, o aumento nas publicações feministas coincide com a implementação de políticas específicas voltadas para a inclusão de gênero, sugerindo que a institucionalização dessas políticas tem um impacto positivo na promoção e valorização dessas discussões.

Sendo assim, é possível apresentar a necessidade de letramento em questões de gênero e da criação de políticas científicas que incentivem e sustentem pesquisas feministas. O letramento em gênero é fundamental para que os pesquisadores/as possam compreender e aplicar corretamente as perspectivas feministas em seus estudos. Além do letramento de gênero, a criação de políticas científicas claras e inclusivas pode assegurar que as pesquisas sejam conduzidas de maneira equitativa e representativa. A inserção de valores como, Solidariedade, Amor, Enfrentamento e Igualdade em pesquisas futuras também é de grande valia, buscando complementar discussões já existentes.

No entanto, este trabalho tem suas limitações. Primeiramente, a pesquisa não abarcou palavras-chave que observassem variáveis de raça e classe, que são componentes essenciais para a realização de uma análise funcional interseccional. Para incluir essas variáveis, seria necessário adotar uma abordagem interseccional que reconheça e analise como diferentes formas de opressão e privilégio interagem e impactam o comportamento, tanto a nível

individual quanto coletivo, incorporando dados demográficos variados e análises que apresentem as experiências de grupos marginalizados. As experiências das mulheres são diversas e influenciadas por múltiplos fatores além do gênero, como raça, classe social, orientação sexual e outras identidades, e ignorar esses aspectos pode levar a uma compreensão infundada e enviesada das questões de gênero. Além da necessidade de inserir outras variáveis em suas análises, esta pesquisa foi restrita a artigos publicados em periódicos nacionais especializados em Análise do Comportamento, o que limita o alcance e a aplicabilidade dos resultados, pois não considerou textos internacionais e outros materiais, como periódicos não especializados, capítulos de livro, teses e dissertações. As autoras sugerem a realização de novas pesquisas que busquem analisar questões de raça e classe, utilizando uma abordagem interseccional, considerando como raça, classe e outras variáveis de opressão e privilégio, por meio da diversificação das fontes de dados utilizadas e das palavras-chaves buscadas.

Referências

Backschat, L. de P. V., & Laurenti, C. (2023). Análise gendrada de queixas clínicas: Uma abordagem feminista de gênero. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 122–137. <https://doi.org/10.18761/vecc01032023>

Carneiro, K. S., & Santos, B. C. (2021). Valores feministas na clínica comportamental: Reflexões baseadas em bell hooks. *Acta Comportamentalia*, 29(2), 61-79. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274572158004/html/>

Costa, A. I. (2019). Contribuições do feminismo para a compreensão e intervenção em casos de relacionamento abusivo. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 244-263). Imagine Publicações.

Couto, A. G., & Dittrich, A. (2017). Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(2), 147-158. <https://doi.org/10.18761/PAC.2016.047>

Couto, A. (2023). Aplicando princípios feministas ao fazer terapêutico: lições da terapia feminista. In C. Oshiro & J. Vartanian (Eds.). *Habilidades terapêuticas na prática da psicoterapia* (pp. 249-265). Manole.

Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 247-265. <https://doi.org/10.18761/a52affa6>

Defelice, K. A., & Diller, J. W. (2019). Intersectional feminism and behavior analysis. *Behavior Analysis in Practice*, 12(4), 831-838. <https://doi.org/10.1007/s40617-019-00341-w>

Eagly, A. H., Eaton, A., Rose, S. M., Riger, S., & McHugh, M. C. (2012). Feminism and Psychology: Analysis of a half-century of research on women and gender. *American Psychologist*, 67(3), 211-230. <https://doi.org/10.1037/a0027260>

Fernandes, D. S., Araújo, S. A., Nascimento-Júnior, F. E., & Tatmatsu, D. I. B. (2023). Viés de sexo na análise experimental do comportamento: Uma revisão sistemática. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento 2* (pp. 120). Instituto Par Ciências e Tecnologia do Comportamento.

Fideles, M. N. D., & Vandenberghe, L. (2014). Psicoterapia Analítica Funcional feminista: Possibilidades de um encontro. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(3), 18-29. <http://dx.doi.org/10.15348//1980-6906/psicologia.v16n3p18-29>

Fontana, J., & Laurenti, C. (2020). Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: Uma interpretação comportamentalista. *Acta Comportamentalia*, 28(4), 499-515. <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/77327>

Fonseca, J. S. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. UEC.

Freitas, J. C. C. & Morais, A. O. (2019). Métodos de investigação sobre cultura do estupro: O que a Análise do Comportamento tem a aprender com as contribuições de outras áreas do conhecimento. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e Análise do Comportamento* (pp. 84-109). Imagine Publicações.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. Atlas.

Gomes, H. C. R., & Costa, N. (2014). Violência contra a mulher: Uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental. *Acta Comportamentalia*, 22(1), 89-100. <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274530012007.pdf>

hooks, b. (1981). *Ain't I a woman? Black women and feminism*. South

hooks, b. (1984). *Feminist theory: From margin to center*. South End Press.

hooks, b. (2000). *Feminism is for everybody: Passionate politics*. South End Press.

Kuratani, S. M. A., Cerqueira, L. M. S., Pereira, L. K. S., Silva, R. S. M., & Mendes, A. C. A. (2022). A ética amorosa de bell hooks e a FAP: Interloquções entre feminismo negro e clínica comportamental. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 321-341. <https://doi.org/10.18761/VEEM.019.nov21>

Lacerda, L., & Costa, N. (2013). Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 21-26. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v15i3.628>

Laurenti, C. (2019). Prefácio: Por que Feminismo na Análise do Comportamento? In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.). *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 10-15). Imagine Publicações.

Laurenti, C., Jesus, L. S., Nogueira, L. N., Sales, S. C., Risolia, I. W., & Strapasson, B. A. (2019). Participação das mulheres em atividades acadêmico-científicas de análise do comportamento no Brasil. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 251-268. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/69863>

Laurenti, C. (2023). Precisamos de feminismo na Análise do Comportamento? Argumentos e contra-argumentos. In A. Dittrich, B. Strapasson & D. Zilio (Eds.). *Análise do comportamento: Dimensões políticas* (pp. 153-174). Instituto Par.

Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2022). Uma análise do comportamento contracultural: Perspectivas e desafios. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 25-40. <https://doi.org/10.18761/DH00024.jan22>

Linhares, Y., & Laurenti, C. (2018). Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 234-247. <https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.08>

Lira, L., & Sanabio-Heck, E. (2023). Subjetividade negra e gênero: Um olhar pela análise do comportamento. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e*

análise do comportamento 2 (pp. 137). Instituto Par Ciências e Tecnologia do Comportamento.

Mizael, T. M. (2019). Pontes entre feminismo interseccional e a análise do comportamento. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 40-62). Imagine Publicações.

Mizael, T. M. (2021). Behavior Analysis and Feminism: Contributions from Brazil. *Behavior and Social Issues*, 30, 481–494. <https://doi.org/10.1007/s42822-021-00067>

Moreira, J. L. F. M., & Oliveira, P. G. (2023). Gaslighting como violência psicológica: Compreendendo o fenômeno sob a ótica da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(1), 27-41. <https://doi.org/10.18761/pac29a09>

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, 11(3), pp. 647-654. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>

Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2007). A marginalização dos estudos feministas e de gênero na psicologia acadêmica contemporânea. *Psico*, 38(3), 216-223. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2882>

Neves, S., & Nogueira, C. (2003). A psicologia feminista e a violência contra mulheres na intimidade: A (re)construção dos espaços terapêuticos. *Psicologia & Sociedade*, 15(2) pp. 43-64. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200004>

Nicolodi, L. G., & Arantes, A. (2019). Poder e patriarcado: Contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 64-83). Imagine Publicações.

Nicolodi, L. G., & Hunziker, M. H. L. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: Considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 164-175. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>

Oda, F. S. (2023). Análise do comportamento e feminismo em revistas norte-americanas influentes: Revisão de publicações no período de 1970-2022. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento 2* (pp. 51-94). Imagine Publicações.

Paixão-Junior, F. D. (2022). Conhecimento científico e interseccionalidade: Da ingenuidade à sensibilidade política na Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 304-320. <https://doi.org/10.18761/DH000176.dez21>

Perkoski, I. R. (2019). Mulheres e tecnologia: Aspectos culturais e intervenções comportamentais para o aumento da participação feminina na computação. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 196-219). Imagine Publicações.

Pereira, D. C. S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo piloto. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 9-25. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>

Pereira, F. N. A., & Marques, N. S. (2023). O papel das mulheres na produção de conhecimento em análise do comportamento. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento 2* (pp. 37). Instituto Par Ciências e Tecnologia do Comportamento.

Pinheiro, R. C. S., & Oshiro, C. K. B. (2019). Variáveis de gênero que terapeutas devem estar atentas no atendimento a mulheres. In R. Pinheiro R & T. Mizael (Eds), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (pp. 220-243). Imagine Publicações.

Rago, M. (2001). Feminizar é preciso: Por uma cultura filógena. *São Paulo em Perspectiva*, 15(3), 58-66. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300009>

Rezende, G. F. M., & Dittrich, A. (2022). Argumentos sobre a descriminalização do aborto no Brasil sob a ótica da análise de consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 1-6.
<https://doi.org/10.18761/DH0013.jul21>

Ruiz, M. R. (1995). Skinner's radical behaviorism: Historical misconstructions and grounds for feminist reconstructions. *Psychology of Women Quarterly*, 19(2), 161-179.
<https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1995.tb00285.x>

Ruiz, M. R. B. F. (1998). Personal agency in feminist theory: Evicting the illusive dweller. *The Behavior Analyst*, 21(2), 179-192. <https://doi.org/10.1007/BF03391962>

Ruiz, M. R. B. F. (2003). Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4(1), 12-16.
<https://doi.org/10.1037/h0100005>

Rutherford, A., & Pettit, M. (2015). Feminism AND/IN/AS psychology: The public sciences of sex and gender. *History of Psychology*, 18(3), 223-237.
<https://doi.org/10.1037/a0039533>

Silva, E. C., & Laurenti, C. (2017). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “A mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 197–211. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.009>

Silva, B. H. S., & Viecili, J. (2022). Características do comportamento de microagressão contra pessoas trans em ambientes de trabalho. *Perspectivas em Análise do*

Comportamento, Edição Especial: Estresse de minorias, 271-288.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.0078.out21>

Strapasson, B., Magalhães, F., & Custódio, J. (2013). Comunicação entre a pesquisa básica, aplicada e teórica na análise do comportamento no Brasil: Uma análise bibliométrica. *Interação em Psicologia*, 17(1), páginas. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v17i1.26496>

Woitowich, N. C., & Woodruff, T. K. (2019). Implementation of the NIH Sex-Inclusion Policy: attitudes and opinions of study section members. *Journal of Women's Health*, 28(1), 9-16. [10.1089/jwh.2018.7396](https://doi.org/10.1089/jwh.2018.7396)

Zanello, V., & Bukowitz, B. (2011). Loucura e cultura: Uma escuta das relações de gênero nas falas de pacientes psiquiatrizados. *Revista Labrys Estudos Feministas*, 20-21. <https://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/valeska.htm>.

Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: Facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1483>

Zanuto, J. O., & Laurenti, C. (2021). Contribuições políticas da análise feminista do amor romântico para a discussão analítico-comportamental dos sentimentos. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(2), 447-464.

<https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/823>

APÊNDICE

APÊNDICE A: Referência dos artigos selecionados dos periódicos especializados em análise do comportamento mais a *Acta*, organizados por período em ordem crescente

| Textos selecionados entre 2003-2013 | Textos selecionados entre 2014-2023 |
|---|---|
| <p>Britto, I. A. G. S., Oliveira, J. A., & Sousa, L. F. D. (2003). A relação terapêutica evidenciada através do método de observação direta. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 5(2), 139-149. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v5i2.77</p> <p>Carvalho Neto, M. B., Salina, A., Montanher, A. R. P., & Cavalcanti, L. A. (2003). O projeto genoma humano e os perigos do determinismo reducionista biológico na explicação do comportamento: uma análise behaviorista radical. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 5(1), 41-56. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v5i1.90</p> <p>Tomanari, G. Y., Pine, A. S., & Silva, M. T. A. (2003). Ratos wistar sob regimes rotineiros de restrição hídrica e alimentar. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 5(1), 57-71. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v5i1.91</p> <p>Costa, N. (2005). Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 7(1), 5-13. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i1.38</p> <p>Fernandes, C. R. D., & Britto, I. A. G. S. (2005). Atuação médica frente ao paciente portador de HIV no contexto ambulatorial. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 7(2), 205-218. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i2.30</p> <p>Oliveira-Silva, M. C., & Tourinho, E. Z. (2006). Avaliação de duas condições de treinos de categorizadores de verbalizações de terapeutas. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 8(1), 39-57. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i1.18</p> <p>Vandenbergh, L. (2006). Terapia comportamental de casal: Uma retrospectiva da literatura internacional. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 8(2), 145-160. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.97</p> <p>Bortolotti, R., & D'Agostino, R. G. (2007). Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. <i>Revista Brasileira de Análise do Comportamento</i>, 3(1), 17-28. http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v3i1.821</p> | <p>Almeida, P. E. M., Guedes, M. L., Rossi, A. C., Tolosa, B., Rodrigues, B., Tchalekian, B., Abud, G., Resende, I., Esteves, J., Arnoldi, J., Agosti, L., Cruz, L. F., Capucci, L., Castro, M. F., Troyano, M., Piton, P., Santos, R., Siqueira, R., & Barossi, Z. (2014). Comportamento alimentar e transtorno alimentar: Uma discussão de variáveis determinantes da anorexia e da bulimia. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 16(1), 21-29. https://doi.org/10.31505/rbtcc.v16i1.655</p> <p>Assis, G. J. A., Motta, C. M., & Almeida-Verdu, A. C. M. (2014). Emergência de relações condicionais com sentenças afirmativas e negativas por sobreposição de palavras. <i>Acta Comportamentalia</i>, 22(4), 409-424. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274532646003</p> <p>Campos, J. R., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2014). Habilidades sociais e depressão na adolescência: Uma revisão de literatura. <i>Acta Comportamentalia</i>, 22(4), 469-482. https://www.redalyc.org/pdf/2745/274532646007.pdf</p> <p>Costa, N., Almeida, C., Gomes, H., Lobato, J., Gondim, L., Silva, M., Pinheiro, R. S., Almeida, T., & Lima, V. A. (2014). O ciúme está relacionado ao amor? Contribuições de uma perspectiva analítico-comportamental. <i>Perspectivas em Análise do Comportamento</i>, 5(1), 40-48. https://doi.org/10.18761/perspectivas.v5i1.127</p> <p>Gomes, H. C. R., & Costa, N. (2014). Violência contra a mulher: Uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental. <i>Acta Comportamentalia</i>, 22(1), 89-100. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274530012007</p> <p>Huziwara, E. M., Montagnoli, T. A. S., & Souza, D. G. (2014). Treinos discriminativos em cães utilizando estímulos visuais e procedimento automatizado. <i>Revista Brasileira de Análise do Comportamento</i>, 10(1), 54-64. http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v10i1.2551</p> <p>Carvalho-Neto, M. B., Araujo, S. F., & Silva, E. G. (2015). O impacto da obra de J. B. Watson na psicologia norte-americana: Uma análise bibliométrica (1913-1923). <i>Acta Comportamentalia</i>, 23(4), 437-449. https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/53797</p> <p>Abreu, P. R., & Abreu, J. H. S. S. (2016). Terapia comportamental dialética: Um protocolo comportamental ou cognitivo? <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i>, 18(1), 45-58.</p> |

- Carvalho-Neto, M. B., Maestri, T. C., & Menezes, S. R. (2007). O jato de ar quente como estímulo aversivo: Efeitos supressivos da exposição prolongada em *rattus norvegicus*. *Acta Comportamentia*, 15(2), 171-190.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274520160004>
- Endemann, P., & Tourinho, E. Z. (2007). Linguagem e instituições sociais em Skinner e Austin. *Acta Comportamentia*, 15(2), 207-228.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274520160006>
- Fonai, A. C. V., & Delitti, M. (2007). Algumas contingências mantenedoras do comportamento de prostituir-se. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 103-113.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v9i1.148>
- Lima, M. E. A. C., Barros, R.S., Souza, L. D. J., Cruz, A. P. C., Bezerra, D. S., & Galvão, O. F. (2007). Discriminação simples e pareamento ao modelo por identidade usando estímulos tridimensionais em macacos prego. *Acta Comportamentia*, 15(1), 5-20.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274520891001>
- Moriyama, J. S., & Amaral, V. L. A. R. (2007). Transtorno dismórfico corporal sob a perspectiva da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 11-25.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v9i1.143>
- Albuquerque, L. C., Reis, A. A., & Paracampo, C. C. P. (2008). Efeitos de histórias de reforço, curtas e prolongadas, sobre o seguimento de regras. *Acta Comportamentia*, 16(3), 305-332.
<https://www.redalyc.org/pdf/2745/27452018003.pdf>
- Naves, A. R. C. X., & Vasconcelos, L. A. (2008). O estudo da família: Contingências e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 4(1), 13-25.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v4i1.841>
- Zilio, D., & Carrara, K. (2008). Mentalismo e explicação do comportamento: Aspectos da crítica behaviorista radical à ciência cognitiva. *Acta Comportamentia*, 16(3), 399-417.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274520180007>
- Aranes, A. K. L., & de Rose, J. C. C. (2009). Controle de estímulos, modelagem do comportamento verbal e correspondência no "Otel" de Shakespeare. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 1-10.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v11i1.831>
- Callou, I. C., Bastos, T. M., Moreira, J. M., & Souza, J. M. (2016). Regras descritivas ocidentais e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Acta Comportamentia*, 24(1), 79-94.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274544251006>
- De Rose, J. C. (2016). A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. *Acta Comportamentia*, 24(2), 201-220.
<https://www.redalyc.org/pdf/2745/274545739006.pdf>
- Ferreira, L. M. S., Bandini, C. S. M., Bandini, H. H. M., & Souza, D. G. (2016). O uso de sistema de frequência modulada no ensino de leitura para crianças com deficiência auditiva. *Acta Comportamentia*, 24(4), 487-508.
<https://www.redalyc.org/journal/2745/274548797007/html/>
- Teixeira, C. M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Assertividade: Uma análise da produção acadêmica nacional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(2), 56-72.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i2.883>
- Saraiva, F. T., Carvalho-Neto, M. B., & Araujo, S. F. (2016). O impacto da obra de J. B. Watson na psicologia norte-americana: Alguns parâmetros de comparação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(3), 1053-1069.
<https://doi.org/10.12957/epp.2016.32959>
- Silva, E. C., & Laurenti, C. (2016). B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: "A mulher" à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 197-211.
<https://doi.org/10.18761/pac.2016.009>
- Couto, A. G., & Dittrich, A. (2017). Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(2), 147-158.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2016.047>
- Mizael, T. M., & De Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamentia*, 25(3), 365-377.
<https://www.redalyc.org/pdf/2745/274552568005.pdf>
- Nobile, G. F. G., Garcia, V. A., & Bolsoni-Silva, A. T. (2017). Análise sequencial dos comportamentos do terapeuta em psicoterapia com universitários com transtorno de ansiedade social. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(1), 16-31.
<https://doi.org/10.18761/pac.2016.030>
- Nóbrega, L. G., & Britto, I. A. G. S. (2017). Avaliação e tratamento de comportamentos problema de duas pessoas com diagnóstico de depressão. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(1), 128-145.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i1.956>
- Sousa, N. R., & Britto, I. A. G. S. (2017). Controle do comportamento de uma pessoa com diagnóstico de esquizofrenia em comunidade

- 11(1), 61-76.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v11i1.384>
- Goyos, C., Rossit, R. A. S., Elias, N. C., Escobal, G., & Chereguini, P. (2009). Análise do comportamento e o estudo do envelhecimento humano: Revisão dos estudos de aplicação. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 5(2), 1-20.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v5i2.927>
- Pergher, N. K., & Dias, M. A. F. (2009). O carteiro, o poeta e skinner: Um estudo sobre a metáfora. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 1-14. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v11i1.380>
- Dahás, L. J. S., Brasiense, I. C. S., Barros, R. S., Costa, T. D., & Souza, C. B. A. (2010). Formação de classes funcionais em cães domésticos (*Canis familiaris*): Uma abordagem da aquisição de comportamento pré-simbólico. *Acta Comportamentalia*, 18(2), 317-346.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274519449002>
- Gallo, A. E., Cheffer, L., Morais, A. O., Cascardo, G. M., Lima, A. C. S., & Duarte, A. C. (2010). Intervenção em grupo para ensino de práticas parentais a mães de crianças com problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 6(2), 187-202.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v6i2.1118>
- Pergher, N. K. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 1(2), 116-129.
<https://doi.org/10.18761/perspectivas.v1i2.37>
- Carvalho, M. R. A., Silveira, J. M., & Dittrich, A. (2011). Tratamento dado ao tema "homossexualidade" em artigos do Journal of Applied Behavior Analysis: Uma revisão crítica. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 7, 72-81.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v7i2.1451>
- Correia, K. M. L., & Borlotti, E. (2011). Mulher e Depressão: Uma análise comportamental-contextual. *Acta Comportamentalia*, 19(3), 359-373.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274520129007>
- Gehm, T. P. (2011). As primeiras aprendizagens com estímulos aversivos: Considerações iniciais. *Acta Comportamentalia*, 19, 33-45.
<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/36939>
- Ribeiro, D. C., & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). Potencialidades e dificuldades interpessoais de universitários: Estudo de caracterização. *Acta Comportamentalia*, evangélica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(2), 6-23.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i2.1030>
- Barban, M., & Leonardi, J. L. (2018). Efeitos da validação e invalidação no desempenho em corrida de atletas. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(1), 60-78.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2017.025>
- Biassio, V. A., & Dittrich, A. (2018). Análise do comportamento e cinema: Avaliação das evidências do Efeito Kuleshov e interpretação dos processos comportamentais envolvidos. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 186-195.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2018.V2.04>
- Boarati, L., & Malerbi, F. E. K. (2018). Intervenção analítico-comportamental dirigida a familiares de portadores do transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 14(1), 44-53.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v14i1.7158>
- De Rose, J. C. (2018). Comportamento verbal e correspondência no filme Rashômon. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 212-223. <https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.06>
- Elias, M. R. C., Gamba, J., & Souza, S. R. (2018). Feedback em vídeo no esporte: Uma revisão da literatura analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 91-104.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1183>
- Levatti, G. E., Victuri, A. A., Garcia, V. A., & Bolsoni-Silva, A. T. (2018). Terapia analítico-comportamental para mulheres com ansiedade e depressão: Comportamentos e procedimentos na interação terapêutica. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 164-182.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2018.N2.02>
- Linhares, Y., & Laurenti, C. (2018). Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 234-247.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.08>
- Maia, F. A., & Soares, A. B. (2018). Habilidades sociais educativas de mães: Relações entre gêneros e tipos de instituições. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(1), 110-116.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2018.8>
- Mizael, T. M. (2018). Perspectivas analítico-comportamentais sobre a homossexualidade: Análise da produção científica. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(1), 15-28.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2017.011>
- Pedroso, R., & Coelho, C. (2018). Efeitos de instrução e presença de selo na escolha entre produtos sustentáveis e não sustentáveis. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 196-211.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.05>
- Pereira, D. C. S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos

- 19(2), 205-224.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274520894005>
- Rossit, R. A. S., & Fávere, D. C. (2011). Influência de atividades pedagógicas sobre o comportamento de crianças hospitalizadas e seus acompanhantes. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 13(3), 52-67.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v13i3.461>
- Vale, A. M. O., & Elias, L. R. (2011). Transtornos alimentares: Uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 13(1), 52-70.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v13i1.432>
- Vichi, C., & Tourinho, E. Z. (2012). Consequências culturais x consequências comportamentais na literatura experimental de pequenos grupos. *Acta Comportamentalia*, 20(2), 201-215. Retirado de <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/33407>
- Lacerda, L., & Costa, N. (2013). Relação entre comportamentos emocionais e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 21-36.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v15i3.628>
- Macedo, M., Escobal, G., & Goyos, C. (2013). Escolha e preferência por alimentos com ou sem valor calórico em crianças com deficiência intelectual e sobrepeso. *Acta Comportamentalia*, 21(1), 83-98.
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=274526149006>
- abusivos: Um estudo piloto. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 9-25.
<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>
- Rosendo, A. P., & Melo, R. M. (2018). Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas a gênero e profissões. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 14(1), 31-43.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v14i1.7157>
- Souza, G. F., & Kato, O. M. (2018). Efeitos de vídeos de alimentação saudável sobre escolhas alimentares de crianças. *Acta Comportamentalia*, 26(3), P. 331-345. Retirado de <https://www.redalyc.org/journal/2745/274556550005/274556550005.pdf>
- Vaccari, C., Gonçalves, G. P. B., & Dittrich, A. (2018). Análise comparativa da reeducação e reintegração social nos sistemas de justiça brasileiros para adolescentes e adultos em privação de liberdade. *Acta Comportamentalia*, 26(1), 111-125.
<https://www.redalyc.org/journal/2745/274555484007/274555484007.pdf>
- Vasconcelos, L. A., & Lemos, R. F. (2018). Do sistema teórico de B.F. Skinner à metacontingência: Observação, experimentação e interpretação. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 14(1), 79-90.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v14i1.7161>
- Aranha, A. S., & Oshiro, C. K. B. (2019). Contribuições da psicoterapia analítica funcional (FAP) no tratamento do transtorno por uso de substâncias (TUS). *Acta Comportamentalia*, 27(2), 197-213.
<https://www.redalyc.org/journal/2745/274561104005/274561104005.pdf>
- Assis, G., & Thieme, A. L. (2019). Desafios na psicoterapia online: Reflexões a partir de um relato de caso de uma paciente com ansiedade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 10(2), 267-279.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2019.v10.n2.06>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Josua, D. (2019). Instrumentos de avaliação na pesquisa e na prática clínica: Questões relevantes para a produção de evidências na TAC. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 10(1), 42-63.
<https://doi.org/10.18761/PAC.TAC.2019.008>
- Calegare, N. M., Regis Neto, D. M., & Dahás, L. J. S. (2019). Instruções sobre as consequências negativas do comer e sua influência no comportamento alimentar: Um estudo exploratório. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 15(1), 26-36.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v15i1.8325>
- Carneiro, L., Haydu, V. B., Borloti, E. B., & Souza, S. R. (2019). Prevenção da dengue: Efeitos de propagandas e de um jogo de tabuleiro. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 15(1), 15-25.
<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v15i1.7919>
- Cunha, V. C. R., & Neves, S. M. M. (2019). Efeito da privação e restrição alimentar no valor

reforçador do alimento: Um estudo exploratório. *Acta Comportamentalia*, 27(1), 41-54.

<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/68753>

Freitas, J. C. C., & Morais, A. O. (2019). Cultura do estupro: Considerações sobre violência sexual, feminismo e análise do comportamento. *Acta Comportamentalia*, 27(1), 109-126.

<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/68758>

Kirchner, L. F., Reis, M. J. D., & Queluz, F. N. F. R. (2019). Intervenção comportamental para dor e sono em mulheres com fibromialgia. *Acta Comportamentalia*, 27(3), 371-388.

<https://www.redalyc.org/journal/2745/274561550007/274561550007.pdf>

Laurenti, C., Jesus, L. S., Nogueira, L. N., Sales, S. C., Risolia, I. W., & Strapasson, B. A. (2019). Participação das mulheres em atividades acadêmico-científicas de análise do comportamento no Brasil. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 251-268.

<https://www.redalyc.org/journal/2745/274561104008/274561104008.pdf>

Maciel, M. A. L., Santos, M. C. B., Cruz, M. B., Lira, M. G. C., Almeida, J. A. T., Souza, C. A. C., Lacerda Filho, E. C., Paiva, F. J. L., Pereira, G. S., & Alves, M. G. L. (2019). Violência doméstica (contra a mulher) no Brasil em tempos de pandemia (COVID-19). *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 15(2), 140-146.

<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v15i2.8767>

Mizael, T. M., & Sampaio, A. A. S. (2019). Racismo Institucional: Aspectos comportamentais e culturais da abordagem policial. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 215-231.

<https://www.redalyc.org/journal/2745/274561104006/274561104006.pdf>

Almeida, R. R., & Zilio, D. (2020). O que é violência? Uma análise sobre os usos do termo na literatura analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22, 1-22.

<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1419>

Carneiro, A. C. C., Brassolatti, I. M., Nunes, L. F. S., Damasceno, F. C. A., & Cortez, M. D. (2020). Ensino de pais via telessaúde para a implementação de procedimentos baseados em ABA: Uma revisão de literatura e recomendações em tempos de COVID-19. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 16(2), 148-173.

<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v16i2.9608>

Donaris, D. F., & Cortez, M. D. (2020). Efeitos do monitoramento sobre a correspondência fazer-dizer em crianças em uma atividade acadêmica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22, 1-16.

<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1414>

Fazzano, L. H., Mena, I. M., Dionísio, T. E. S., & Gallo, A. E. (2020). Análise do comportamento e população LGBT: Revisão das produções de pós-graduação no Brasil. *Perspectivas em Análise do*

Comportamento, 11(1), 52-62.

<https://doi.org/10.18761/PAC.2020.v11.n1.05>

Fontana, J., & Laurenti, C. (2020). Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: Uma interpretação comportamentalista. *Acta Comportamentalia*, 28(4), 499-515. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/77327>

Kachuba, D., & Oliveira-Castro, M. (2020). Análise do comportamento de avaliação de marcas: Nível de reforço informativo programado e ponto de venda. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(1), 32-46.

<https://doi.org/10.18761/PAC.2020.v11.n1.03>

Kruger, G., & Marin, R. (2020). Caracterização de materiais sobre a pandemia de COVID-19 divulgados por instituições de psicologia. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 16(2), 192-206.

<http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v16i2.10111>

Mussi, S. V., & Malerbi, F. E. K. (2020). Revisão de estudos que empregaram intervenções afirmativas para pessoas LGBTQI+ sob uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22, 1-19. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1438>

Simonassi, L. E., Bernardy, J. L., & Bernardy, J. V. (2020). Outras funções do reforçador: Reflexões sobre a descrição do reforçamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 22, 1-17. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1185>

Tibério, S. F., Mizael, T. M., Luiz, F. B., Rocha, C. A. A., Araújo, S. A., Santos, A. M., Terhoch, G. B., Guarnieri, L. P., Fonseca Júnior, A. R., & Hunziker, M. H. L. (2020). A natureza comportamental da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 16(1), 57-70. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v16i1.9098>

Torres, J. A., Cândido, G. V., & Miranda, R. L. (2020). Associação de modificação do comportamento: Contingências para a institucionalização da análise do comportamento no Brasil. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(1), 1-16.

<https://doi.org/10.18761/PAC.2020.v11.n1.01>

Ângeli, L., Almeida, G. P., & Juliani, R. P. (2021). Lei Maria da Penha: Uma análise de contingências e metacontingências. *Acta Comportamentalia*, 29(1), 61-76. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/78780>

Bortoloti, R., Pinho, B. B. M., Oliveira, B. S., Andrade, C. D. P., Pacífico, L., & Huziwara, E. M. (2021). Investigação de vieses de gênero para brinquedos em adultos de duas faixas etárias por meio do *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP). *Perspectivas em Análise do Comportamento, Volume especial sobre RFT*, 228-234.

<https://doi.org/10.18761/PAC.2021.v12.RFT.04>

-
- Cameoka, M. C., & Moreira, M. B. (2021). Preconceito racial: Viés na mensuração de atitudes produzido por controle de estímulos. *Acta Comportamentalia*, 29(1), 93-112. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/78782>
- Carmo, T. R., Martins, T. E. M., Silva, A. J. M., & Barros, R. S. (2021). Intervenção analítico-comportamental em adolescentes e adultos diagnosticados com transtorno do espectro autista: Uma revisão sistemática. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(2), 487-501. <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/826>
- Carneiro, K. S., & Santos, B. C. (2021). Valores feministas na clínica comportamental: Reflexões baseadas em bell hooks. *Acta Comportamentalia*, 29(2), 61-79. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274572158004/html/>
- Mizael, T. M., Castro, M. S. L. B., & Dittrich, A. (2021). Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. *Acta Comportamentalia*, 29(4), 65-81. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274571372005/html/>
- Nicolodi, L. G., & Hunziker, M. H. L. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: Considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 164-175. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>
- Oliveira, E. S. T., & Silveira, J. M. (2021). Efeitos da terapia analítico-comportamental e de uma cartilha na identificação de interações abusivas. *Acta Comportamentalia*, 29(3), 133-150. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/80303>
- Paixão, A. A., & Strapasson, B. A. (2021). A discreta introdução do behaviorismo no português brasileiro: a tradução de "Psychological care of infant and child" de watson e watson. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 23, 1-24. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v23i1.1590>
- Simões, A. S., & Ferreira, T. A. S. (2021). Quando o pensamento positivo não é o bastante: o papel do HDML na explicação de comportamentos complexos pela RFT. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Volume especial sobre RFT*, 94-104. <https://doi.org/10.18761/PAC.2021.v12.RFT.13>
- Todorov, J. C., Casalecchi, J. G. S., Tomm, T. M., & Albuquerque, A. R. (2021). Contingências descritas na lei maria da penha: Objetivos, papel da família e sociedade. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(1), 69-77. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v17i1.10636>
- Villa, C. P., & Melo, C. M. (2021). Um mapeamento da sexualidade em B. F. Skinner. *Acta Comportamentalia*, 29(4), 115-135. <https://www.redalyc.org/journal/2745/274571372008/274571372008.pdf>
-

Zanuto, J. O., & Laurenti, C. (2021). Contribuições políticas da análise feminista do amor romântico para a discussão analítico-comportamental dos sentimentos. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(2), 447-464. <
<https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/823>>

Carvalho, L. R., & Simão, E. R. S. (2022). Análise histórica das políticas públicas para a população LGBTQ+ no Brasil e interfaces com a psicologia. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 102-119.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.4561>

Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 247-265.

<https://doi.org/10.18761/a52affa6>

Cravo, F. A. M., Morais, M. A. S., & Almeida-Verdu, A. C. M. (2022). O uso do “*Implicit Relational Assessment Procedure*” na investigação sobre gênero: Revisão sistemática. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 213-232.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.011.nov21>

Dittrich, A. (2022). Direitos humanos: Por que os analistas do comportamento deveriam se importar? *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 86-101.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.0079jan22>

Engelmann, A. M. S., & Kuch, I. E. (2022). Práticas culturais heteronormativas e suas repercussões na clínica analítico-comportamental: Um relato de caso. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 157-169.

<https://doi.org/10.18761/DH007.jul21>

Fazolino, N. E. L., Gotti, E. S., Oliveira, E. A., Argondizzi, J. G. F., & Oliveira, S. L. (2022). Psicoeducação sobre a morte com profissionais da saúde de um ambulatório de oncologia: Estudo quase-experimental. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 266-287.

<https://doi.org/10.18761/PAC5a6a56a>

Fazzano, L. H., Toledo, B. F., & Gallo, A. E. (2022). Uma interpretação comportamental sobre a LGBTQfobia reproduzida no contexto psicoterapêutico. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 183-196.

<https://doi.org/10.18761/DH10410.ago211>

Ferreira, T. A. S., Souza, C. C. S., Barreto, J. L. M., Pereira, L. K. S., Almeida, R. S., & Rocha, R. J. (2022). Princípios norteadores para uma prática clínica psicoterápica antirracista. *Acta Comportamental*, 30(4), 619-638.

<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/83979>

Justino, L. Z., & Bolsoni-Silva, A. T. (2022). Crianças com TDAH e problemas comportamentais na interação com mães e professores. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 13-30.

<https://doi.org/10.18761/PAC000709.nov21>

Kuratani, S. M. A., Cerqueira, L. M. S., Pereira, L. K. S., Silva, R. S. M., & Mendes, A. C. A. (2022). A ética amorosa de bell hooks e a FAP: Interlocuções entre feminismo negro e clínica comportamental. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 321-341.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.019.nov21>

Laurenti, C., & Lopes, C. E. (2022). Uma análise do comportamento contracultural: Perspectivas e desafios. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 25-40.

<https://doi.org/10.18761/DH00024.jan22>

Luiz, F. B., & Parapinski, R. T. (2022). Análise do comportamento e socioeducação: Contribuições para a atuação com adolescentes em conflito com a lei. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 386-399.

<https://doi.org/10.18761/DH00023.jan220>

Mizael, T. M., & Ridi, C. C. F. (2022). Análise do comportamento aplicada ao autismo e atuação socialmente responsável no Brasil: Questões de gênero, idade, ética e protagonismo autista. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 54-68.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.457613>

Moraes, A. B. A., & Rolim, G. S. (2022). Contribuição experimental e teórica de João Cláudio Todorov para o estudo de Controle Aversivo. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 18(1), 43-56. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v18i1.12695>

Padilha, F. M. G., Fazzano, L. H., & Gallo, A. E. (2022). Relação entre cultura e religião na emissão de comportamentos LGBTfóbicos por psicólogos(os) clínicos(os). *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 129-141.

<https://doi.org/10.18761/DH00010.jul21>

Paixão-Junior, F. D. (2022). Conhecimento científico e interseccionalidade: Da ingenuidade à sensibilidade política na Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 304-320.

<https://doi.org/10.18761/DH000176.dez21>

Passarelli, D. A., Rico, A., Basaglia, M. A., Ribeiro, G. W., Quintão, C. S., & Schelini, P. W. (2022). Manejo da ansiedade para estudantes de graduação no contexto do isolamento social: Um programa de ensino a distância. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 170-182.

<https://doi.org/10.18761/DH00008.dezt21>

Rezende, G. F. M., & Dittrich, A. (2022).

Argumentos sobre a descriminalização do aborto no Brasil sob a ótica da análise de consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 1-6.

<https://doi.org/10.18761/DH0013.jul21>

Rodrigues, W. C., Marcelino, M. R., Arantes, A., & Elias, N. C. (2022). Preconceito racial entre universitários: Implicações sobre o uso do FAST no estudo da aprendizagem verbal. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), p. 54-69.

<https://doi.org/10.18761/PAC000774.fev22>

Santos, V. S. G., Moreira, M. B., Barbieri, D., & Cavalcanti, P. (2022). Efeitos da emulação da presença de confederados virtuais sobre a conformidade social. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 70-84.

<https://doi.org/10.18761/PAC654560>

Savio, T. V., Rocha, G. M., & Sartor, M. S. (2022). Práticas educativas na homoparentalidade e o repertório comportamental de seus filhos. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 354-370.

<https://doi.org/10.18761/DH0029.mar22>

Silva, B. H. S., & Viecili, J. (2022). Características do comportamento de microagressão contra pessoas trans em ambientes de trabalho. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 271-288.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.0078.out21>

Silva, T. S., Flandoli, B. R. G. X., & Mizael, T. M. (2022). Questões raciais na análise do comportamento: Uma análise preliminar sobre a baixa produção da área. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 371-385.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.0077.out21>

Siqueira, H. R. M., & Siqueira, V. R. (2022). Estratégias da análise do comportamento para diminuição de atos agressivos contra transexuais no ambiente escolar. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 142-156.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.0079.out21>

Sousa, A. S. (2022). Masculinidade hegemônica: Contingências relacionadas ao déficit de autocuidado à saúde em homens. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 207-218.

<https://doi.org/10.18761/PACa15gh45>

Souza, J. S., Marques, J. M., Scanavino, M. T., Zamignani, D. R., & Costa, A. B. (2022). Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: Uma análise comportamental a partir da teoria do estresse de minorias. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 69-85.

<https://doi.org/10.18761/DH027.mart22>

Valério, A., Castro, D. P., & Florêncio, T. (2022). Reflexões sobre masculinidades: Possibilidades de interpretação a partir de uma visão

analítico-comportamental. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 1-6. <https://doi.org/10.18761/VEEM.13796>

Valin, T. A. F., & Rocha, G. V. M. (2022).

Avaliação de uma intervenção analítico-comportamental para meninas em acolhimento institucional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 24, 1-16.

<https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1569>

Zin, G. O., Gama, V. D., & Reis, M. J. D.

(2022). Self e transgeneridade: Contingências sociais e controle aversivo na identidade e vivências de transgêneros binários. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, 7-24.

<https://doi.org/10.18761/DH000167.set21>

Abdala, M., Silva, B. T., Maia, J. G. C.,

Souza, V. A., & Queiroz, I. G. (2023). Possíveis aproximações entre antropologia simbólica de Clifford Geertz e a terapia de aceitação e compromisso.

Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura, 194-207.

<https://doi.org/10.18761/vecc0161122>

Backschat, L. P. V., & Laurenti, C. (2023).

Análise gendrada de queixas clínicas: Uma abordagem feminista de gênero. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 122-137.

<https://doi.org/10.18761/vecc01032023>

Contarin, L. S., Spasiani, G. V., Jacinto, H. F.

A., & Bolsoni-Silva, A. T. (2023). Formação de terapeutas analítico-comportamentais: Comportamentos do supervisor. *Acta Comportamentalia*, 31(1), 167-185.

<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/85007>

Furini, L. G., Henzel, G. A., Muller, S. A. A.

S., & Passos, J. A. F. (2023). Multiculturalidade e interseccionalidade nas terapias comportamentais contextuais. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 138-153.

<https://doi.org/10.18761/vecc291122>

Kuch, I. E., & Dittrich, A. (2023).

As masculinidades como variáveis relevantes para analistas do comportamento: Reflexões teóricas e práticas. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 154-169.

<https://doi.org/10.18761/vecc291122a>

Kuch, I. E., Zendron, B. I., Almeida, N. F. S.,

Strapasson, B. A., & Dittrich, A. (2023). Análise do comportamento e interseccionalidade: Implicações para práticas de pesquisa. *Acta Comportamentalia*, 31(2), 329-350.

<https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/85840>

Kusano, M. R., Domeniconi, C., & Schmidt,

A. (2023). Comparação de procedimentos para ensino de emoções faciais para criança com TEA: Um estudo exploratório. *ACTA Comportamentalia*, 31(2), 233-

254.

Marques, J. M., & Rodrigues, B. D. (2023). O papel do mentalismo na produção de sofrimento e seus impactos na psicoterapia. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 88-102.

<https://doi.org/10.18761/vecc1312023>

Moreira, J. L. F. M., & Oliveira, P. G. (2023). Gaslighting como violência psicológica: Compreendendo o fenômeno sob a ótica da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(1), 27-41.

<https://doi.org/10.18761/pac29a09>

Moreira, J. M., Silva, A. V. F., Rocha, S. O., Santos, J. I. P., & Oliveira, R. R. S. (2023). Iniquidade de gênero no contexto ocupacional e estratégias de enfrentamento. *Acta Comportamentalia*, 31(1), 27-44. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/84995>

Neves, A. B. V. S., Amorim, V. C., Borba, A., Souza, F., Silveira, J., Passos, J. A. F., Nicolodi, L., & Cihon, T. (2023). Manifesto por uma prática clínica socialmente comprometida nas ciências do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 53-58.

<https://doi.org/10.18761/vecc117122022>

Passos, J. A. F., Weydmann, G., Motta, P., & Dias, A. C. G. (2023). Interfaces entre as psicoterapias comportamentais e a cultura. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 65-87.

<https://doi.org/10.18761/vecc21112022>

Rezende, G. F. de M., Soares, I. C., & Veloso, R. J. M. D. (2023). Prática da psicologia baseada em evidências e psicologia feminista: Reflexões iniciais. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 228-238.

<https://doi.org/10.18761/vecc13123>

Ribeiro, T. D., Santos, R. C., & Borba, A. (2023). O impacto da piada racista na construção do self de pessoas negras. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 183-193.

<https://doi.org/10.18761/vecc191222>

Rocha, C. N., Linares, I. M. P., & Weiss, J. V. P. (2023). Entendimento da perinatalidade a partir do modelo de seleção por consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(1), 1-16.

<https://doi.org/10.18761/PACasdj44a6>

Rocha-Junior, J. E. G., Marques, N. S., & Oshiro, C. K. B. (2023). Potenciais efeitos da socialização masculina no desenvolvimento de habilidades terapêuticas. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, 27-41. <https://doi.org/10.18761/vecc161022>

Vasconcelos, L. A. (2023). Análise aplicada do comportamento e a cultura: Contextos da terapia analítico-comportamental infantil. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre*

clínica e cultura, 3-26.

<https://doi.org/10.18761/vecc131222>

Total: 31

111

APÊNDICE B – *Caracterização dos autores das publicações que apresentaram aspectos feministas em suas discussões*

| Autoras(es) | Ano de publicação | Filiação Institucional | Título | Periódico | Tema abordado |
|--|--------------------------|---|---|------------------|---|
| Luc Vandenberghe | 2006 | Universidade Católica de Goiás | Teoria Comportamental de Casal: uma retrospectiva da literatura internacional | RBTC | Teoria Comportamental de Casal |
| Antonio Maia Olsen do Vale Liana Rosa Elias | 2011 | Universidade Federal do Ceará | Transtornos Alimentares: uma perspectiva analítico-comportamental | RBTC | Transtornos Alimentares |
| Karyne Mariano Lira Correia Elizeu Borloti | 2011 | Universidade Federal do Espírito Santo | Mulher e Depressão: uma análise comportamental-contextual | ACTA | Mulher e depressão |
| Larissa Lacerda Nazaré Costa | 2013 | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | Relação entre comportamentos emocionais e violência contra a mulher | RBTC | Relação entre o ciúme e a violência contra mulher |
| Holga C. da Rocha Gomes Nazaré Costa | 2014 | Universidade Federal do Maranhão | Violência contra a mulher: uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental | ACTA | Violência contra mulher e regras descritas na sociedade ocidental |
| Paulo Roberto Abreu Juliana Helena dos Santos Silvério Abreu | 2016 | Instituto de Análise do Comportamento de Curitiba Departamento de Psicologia Experimental da | Terapia comportamental dialética: um protocolo comportamental ou cognitivo? | RBTC | Terapia Comportamental Dialética |

| | | | | | |
|--|------|--|---|------|--|
| Emanuelle Castaldelli Silva Carolina Laurenti | 2016 | Universidade Estadual de Maringá | B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências | PAC | Relações entre a teoria de Simone de Beauvoir e Skinner |
| Aline Guimarães Couto Alexandre Dittrich | 2017 | Universidade Federal do Paraná | Feminismo e Análise do Comportamento: caminhos para o diálogo | PAC | Feminismo e Análise do Comportamento |
| Daniely C. de Souza Pereira Vanessa Silva Camargo Patricia C. Novaki Aoyama | 2018 | Universidade Paranaense | Análise Funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático | RBTC | Análise funcional da permanência de mulheres em relacionamentos abusivos |
| Alessandra Pinto Rosendo Raquel Maria de Melo | 2018 | Universidade de Brasília e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia sobre Comportamento, Cognição e Ensino | Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas a gênero e profissões | RBTC | Transferência de função relacionada a gênero e profissões |
| Yana Linhares Carolina Laurenti | 2018 | Universidade Estadual de Maringá | Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário | PAC | Análise de relatos verbais sobre situações de assédio em universidades |
| Maria A. Lacerda Maciel Maria C. Bonfim dos Santos | | | | | |
| Marli Braga Cruz Maria Gabriela Cardoso Lira João A. Tomaz de Almeida Carlos A. Costa de Souza Elias C. de Lacerda Filho Felipe José Lima Paiva Gabriel da Silva Pereira | 2019 | Universidade Federal do Ceará Universidade Federal do Pará | Violência doméstica (contra a mulher) no Brasil em tempos de pandemia (COVID-19) | RBTC | Violência contra mulher no período da pandemia de COVID-19 |

Matheus Gomes Lins Alves

| | | | | |
|---|------|---|---|--|
| | | Universidade Federal de São Carlos | | |
| Júlia Castro de Carvalho Freitas Amanda Oliveira de Moraes | 2019 | Universidade Estadual de Londrina Coletivo Marias & Amélias de Mulheres Analistas do Comportamento | Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e análise do comportamento | ACTA Cultura do estupro e relações com violência sexual, feminismo e análise do comportamento |
| Carolina Laurenti Letícia Stephane de Jesus Larissa Nazario Nogueira Sara Côrrea de Sales Isabelle Wunsche Risolia Bruno Angelo Strapasson | 2019 | Universidade Estadual de Maringá Universidade Federal do Paraná | Participação das mulheres em atividades acadêmico-científicas de Análise do Comportamento no Brasil | ACTA Participação de mulheres em atividades acadêmicas |
| Jordana Fontana Carolina Laurenti | 2020 | Universidade Estadual de Londrina Universidade Estadual de Maringá | Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: uma interpretação comportamentalista | ACTA Práticas de violência simbólica a partir de uma interpretação analítico-comportamental |
| Lívia de Ângeli Gabriela P. de Almeida Rafael Paulino Juliani | 2021 | Universidade Federal de São Carlos | Lei Maria da Penha: uma análise de contingências e metacontingências | ACTA Análise de contingências da Lei Maria da Penha |
| Karina da Silva Carneiro Bruna Colombo dos Santos | 2021 | Universidade Estadual de Feira de Santana | Valores Feministas na Clínica Comportamental: reflexões baseadas em bell hooks | ACTA Valores feministas e a clínica comportamental a partir de bell hooks |
| João Cláudio Todorov João G. Siqueira Casalecchi Thatielle Marinho Tomm | 2021 | Universidade de Brasília Universidade | Contingências descritas na Lei Maria da Penha: objetivos, papel da família e | REBAC Contingências presentes na Lei Maria da Penha |

| | | | | | |
|---|------|--|---|-------|---|
| Alessandra R. de Albuquerque | | Católica de Brasília | sociedade | | |
| Laís de Godoy Nicolodi Maria Helena Leite Hunziker | 2021 | Universidade de São Paulo | O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais | REBAC | Patriarcado e Análise do Comportamento |
| Juliany Oliveira Zanuto Carolina Laurenti | 2021 | Universidade Estadual de Maringá | Contribuições políticas da análise feminista do amor romântico para a discussão analítico-comportamental dos sentimentos | PAC | Contribuições políticas do amor romântico para a discussão de sentimentos |
| Mayra Marly Pontes Natália Santos Marques Pollyana Silva Abreu | 2022 | Universidade Federal do Ceará | Análise funcional da norma técnica uniformizadora dos centros de referência da mulher | ACTA | Análise funcional da norma utilizada em centros de referência de mulheres |
| Carolina Laurenti Carlos Eduardo Lopes | 2022 | Universidade Estadual de Maringá | Uma análise do comportamento contracultural: perspectivas e desafios | PAC | Análise do comportamento contracultural |
| Alex Valério Danrley Pereira de Castro Tiago Florêncio | 2022 | Instituto Paulista de Sexualidade Universidade de São Paulo | Reflexões sobre masculinidades: possibilidades de interpretação a partir de uma visão analítico-comportamental | PAC | Interpretação analítico-comportamental sobre masculinidade |
| Juliano dos Santos Souza João Miguel Marques Marco de Tubino Scanavino Denis Roberto Zamignani Angelo Brandelli Costa | 2022 | Universidade Católica do Rio Grande do Sul Universidade de São Paulo Paradigma Centro de | Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: uma análise comportamento a partir da teoria do estresse de minorias | PAC | Saúde mental de minorias a partir da teoria do estresse de minorias |

| | | | | | |
|--|------|--|---|-----|--|
| | | | Ciências e Tecnologia do Comportamento | | |
| | | | Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | | |
| | | | Universidade de Sorocaba | | |
| Felipe A. Monteiro Cravo Marcela A. Sousa de Morais Ana Cláudia M. Almeida-Verdu | 2022 | Universidade Federal de Minas Gerais Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais | O uso do “Implicit Relational Assessment Procedure” na investigação sobre gênero: revisão sistemática | PAC | O uso da ferramenta IRAP na investigação sobre gênero |
| | | Instituto nacional de ciência e tecnologia: estudos sobre comportamento, cognição e ensino | | | |
| Giovanna F. de Moura Rezende | 2022 | Universidade Federal do Paraná | Argumentos sobre a descriminalização do aborto no Brasil sob a ótica da análise de consequências | PAC | Descriminalização do aborto no Brasil |
| Bárbara Helena da Silva e Silva Juliana Viecili | 2022 | Universidade do Sul de Santa Catarina | Características do comportamento de microagressão contra pessoas trans em ambientes de trabalho | PAC | Análise das características de comportamento de microagressão contra pessoas trans no ambiente de trabalho |
| Francisco D. Paixão Junior | 2022 | Secretaria municipal de educação de | Conhecimento científico e interseccionalidad | PAC | Conhecimento científico e interseccional |

| | | | | | | |
|-------------------------------|------|--|--|--|-----|--|
| | | | Irauçuba | e: da ingenuidade à sensibilidade política na análise do comportamento | | idade |
| Sayuri M. de Andrade Kuratani | | | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | | | |
| Laís Maria S. de Cerqueira | | | Universidade Federal da Bahia | A ética amorosa de bell hooks e a FAP: | | Ética amorosa de bell hooks e a FAP |
| Luana Karina dos S. Pereira | 2022 | | Universidade do Estado da Bahia | interlocuções entre feminismo negro e clínica comportamento | PAC | |
| Raíssa S. Monteiro da Silva | | | | | | |
| Ana Carolina Aires Mendes | | | | | | |
| Gabriela de Oliveira Zin | | | Centro Universitário Central Paulista | Self e transgeneridade: contingências sociais e controle | | Self e Transgeneridade |
| Viviane Dutra Gama | 2022 | | Universidade Federal de São Carlos | aversivo na identidade e vivências de transgêneros binários | PAC | |
| Maria de Jesus Dutra dos Reis | | | | | | |
| Alex da Silva Sousa | 2022 | | Universidade Federal de São Carlos | Masculinidade hegemônica: contingências relacionadas ao déficit de autocuidado à saúde em homens | PAC | Masculinidade hegemônica |
| | | | Universidade Estadual Paulista | | | |
| Felipe A. Monteiro Cravo | | | Universidade de Sorocaba | Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade | | Produção analítico-comportamental sobre gênero e sexualidade |
| Ana Cláudia M. Almeida-Verdu | 2022 | | Instituto Nacional de ciência e tecnologia sobre comportamento, cognição e | | PAC | |
| Florêncio M. Costa-Junior | | | | | | |

| | | ensino | | | |
|-----------------------------------|------|--|--|-----|--|
| | | Faculdades integradas de Bauru | | | |
| | | Instituto de Análise do Comportamento de Bauru | | | |
| José Edberto Gadelha Rocha Junior | 2023 | Universidade Federal do Ceará | Potenciais efeitos da socialização masculina no desenvolvimento de habilidades terapêuticas | PAC | Efeitos da socialização masculina no desenvolvimento de habilidades terapêuticas |
| Natália Santos Marques | | | | | |
| Claúdia Kami Bastos Oshiro | | | | | |
| Jonatas Argemi Foster Passos | 2023 | Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Interfaces entre as psicoterapias comportamentais e a cultura | PAC | Psicoterapia comportamento e cultura |
| Gibson Weydmann | | | | | |
| Pierre Motta | | | | | |
| Ana Cristina Garcia Dias | 2023 | Paradigma centro de ciências e tecnologia do comportamento | O papel do mentalismo na produção de sofrimento e seus impactos na psicoterapia | PAC | O papel do mentalismo na produção de sofrimento |
| Júlia Macruz Marques | | | | | |
| Bernardo Dutra Rodrigues | | | | | |
| Larissa Gross Furini | 2023 | Centro de Estudos da Família e do Indivíduo | Multiculturalidade e interseccionalidad e nas terapias comportamentais contextuais | PAC | Multiculturalidade e interseccionalidade nas terapias contextuais |
| Gabriela Alsina Henzel | | | | | |
| Sara Adaís Ávila Silva Müller | | | | | |
| Jonatas Argemi Foster Passos | 2023 | Universidade Estadual de Londrina | Análise gendrada de queixas clínicas: uma abordagem feminista de gênero | PAC | Análise gendrada de queixas clínicas a partir de uma abordagem feminista de gênero |
| Leticia de Paula Von Backschat | | | | | |
| Carolina Laurenti | | | | | |
| Isabelle Elisandra Kuch | 2023 | Universidade Estadual de Maringá | As masculinidades como variáveis relevantes para analistas do comportamento: reflexões teóricas e práticas | PAC | Masculinidade e como variáveis relevantes para analistas do comportamento |
| Alexandre Dittrich | | | | | |

| | | | | | |
|--|------|--|---|------|---|
| Giovanna F. de Moura Rezende Izabel Cristina Soares Roberto Júnior Marques Delfino Veloso | 2023 | Universidade Federal do Paraná | Prática da psicologia baseada em evidências e psicologia feminista: reflexões iniciais | PAC | Psicologia baseada em evidências e psicologia feminista |
| Julia Lue de F. Minaré Moreira Paula Grandi de Oliveira | 2023 | Paradigma – centro de ciências e tecnologia do comportamento | <i>Gaslighting</i> como violência psicológica: compreendendo o fenômeno sob a ótica da análise do comportamento | PAC | <i>Gaslighting</i> e Análise do Comportamento |
| Júnnia Maria Moreira Andressa Victoria Freire Silva Samara Oliveira Rocha | 2023 | Universidade Federal do Vale do São Francisco | Iniquidade de gênero no contexto ocupacional e estratégias de enfrentamento | ACTA | Iniquidade de gênero no contexto ocupacional |
| Joice Izabela Pereira dos Santos Raquel R. da Silva Oliveira Isabelle Elisandra Kuch Beatriz Isabel Zendron | 2023 | Universidade Federal do Paraná | Análise do Comportamento e Interseccionalidad e: implicações para práticas de pesquisa | ACTA | Análise do Comportamento e interseccionalidade |
| Nathalin Fernanda da S. de Almeida Bruno Angelo Strapasson Alexandre Dittrich | | Universidade Positivo | | | |

| Ref. | Cons. | Enfr. | Solidar. | Libert. | Part. | P. de Fala | Amor | Iguald. |
|-------------|--------------|--------------|-----------------|----------------|--------------|-------------------|-------------|----------------|
|-------------|--------------|--------------|-----------------|----------------|--------------|-------------------|-------------|----------------|

| | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Vandenberghe, L. (2006). Terapia comportamental de casal: uma retrospectiva da literatura internacional. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i> , 8(2), p. 145-160. | X | X | — | — | — | — | — | X |
| Correia, K. M. L., & Borlotti, E. (2011). Mulher e Depressão: uma análise comportamental-contextual. <i>Acta Comportamental</i> , 19(3), p. 359-373. | X | — | — | — | — | X | — | — |
| Vale, A. M. O., & Elias, L. R. (2011). Transtornos alimentares: uma perspectiva analítico-comportamental. <i>Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva</i> , 13(1), 52-70. | X | — | — | — | — | — | — | — |
| Lacerda, L., & Costa, N. (2013). Relação entre comportamentos emocionais e violência contra a mulher. <i>Revista</i> | X | — | — | X | — | — | — | — |

*Brasileira de
Terapia
Comportamental e
Cognitiva, 15(3),
21-26*

Gomes, H. C. R.,
& Costa, N.
(2014). Violência
contra a mulher:
uma pesquisa
empírica sobre
regras descritivas
comuns na
sociedade
ocidental. *Acta
Comportamentalia*
, 22(1), 89-100.

Abreu, P. R., &
Abreu, J. H. S. S.
(2016). Terapia
comportamental
dialética: um
protocolo
comportamental
ou cognitivo?
*Revista Brasileira
de Terapia
Comportamental e
Cognitiva, 18(1),
45-58.*

Silva, E. C., &
Laurenti, C.
(2016). B. F.
Skinner e Simone
de Beauvoir: “a
mulher” à luz do
modelo de seleção
pelas
consequências.
*Perspectivas em
Análise do
Comportamento,*
7(2), p. 197-211.

Couto, A. G., &
Dittrich, A.
(2017).

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| X | — | — | — | — | — | — | — | — |
| X | — | — | — | — | — | — | — | — |
| X | — | — | X | X | X | — | — | |
| X | X | — | X | X | X | — | X | |

Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo.

Perspectivas em Análise do Comportamento, 8(2), p. 147-158.

Linhares, Y., & Laurenti, C. (2018). Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), p. 234-247.

X — — — X X — —

Pereira, D. C. S., Camargo, V. S., & Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo piloto. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(2), 9-25.

X — — X — — — —

Rosendo, A. P., & Melo, R. M. (2018). Transferência de função e reorganização de classes de equivalência relacionadas a gênero e profissões. *Revista*

X — — — — — — —

*Brasileira de
Análise do
Comportamento,*
14(1), 31-43.

Freitas, J. C. C., &
Morais, A. O.
(2019). Cultura do
estupro:
considerações
sobre violência
sexual, feminismo
e Análise do
Comportamento.
*Acta
Comportamentalia*
, 27(1), p. 109-
126.

Laurenti, C., et al.
(2019).
Participação das
mulheres em
atividades
acadêmico-
científicas de
análise do
comportamento no
Brasil. *Acta
Comportamentalia*
, 27(2), P. 251-
268.

Maciel, M. A. L.,
et al. (2019).
Violência
doméstica (contra
a mulher) no brasil
em tempos de
pandemia
(COVID-19).
*Revista Brasileira
de Análise do
Comportamento,*
15(2), p. 140-146.

Fontana, J., &
Laurenti, C.
(2020). Práticas de
violência

| | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| X | X | X | X | X | X | X | X | X |
| X | X | — | X | X | X | — | X | |
| X | — | — | — | X | — | — | — | |
| X | — | X | X | X | X | X | — | |

simbólica da cultura de dominação masculina: uma interpretação comportamentalista. *Acta Comportamentalia*, 28(4), p. 499-515.

Ângeli, L., Almeida, G. P., & Juliani, R. P. (2021). Lei Maria da Penha: uma análise de contingências e metacontingências. *Acta Comportamentalia*, 29(1), p. 61-76.

Carneiro, K. S., & Santos, B. C. (2021). Valores feministas na clínica comportamental: reflexões baseadas em bell hooks. *Acta Comportamentalia*, 29(2), p. 61-79.

Nicolodi, L. G., & Hunziker, M. H. L. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), p. 164-175.

Todorov, J. C., et al. (2021).

| | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | X | — | X | — | — | X | — | — |
| | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | X | X | — | — | — | — | — | X |

Contingências descritas na lei maria da penha: objetivos, papel da família e sociedade. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(1), p. 69-77.

Zanuto, J. O., & Laurenti, C. (2021). Contribuições políticas da análise feminista do amor romântico para a discussão analítico-comportamental dos sentimentos. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(2), p. 447-464.

Cravo, F. A. M., Almeida-Verdu, A. C. M., & Costa-Junior, F. M. (2022). Revisão de literatura da produção analítico-comportamental nacional sobre gênero e sexualidade. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), p. 247-265.

Cravo, F. A. M., Morais, M. A. S., & Almeida-Verdu, A. C. M. (2022). O uso do "Implicit Relational

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| X | — | — | X | X | X | — | — |
| X | — | — | X | — | X | — | — |
| X | X | — | — | X | X | — | X |

e: da ingenuidade
à sensibilidade
política na Análise
do
Comportamento.
*Perspectivas em
Análise do
Comportamento,
Edição Especial:
Estresse de
Minorias*, p. 304-
320.

Pontes, M. M.,
Marques, N. S., &
Abreu, P. S.
(2022). Análise
funcional da
norma técnica
uniformizadora
dos centros de
referência da
mulher. *Acta
Comportamentalia*
, 30(2), p. 302-
321.

Rezende, G. F. M.,
& Dittrich, A.
(2022).
Argumentos sobre
a
descriminalização
do aborto no
Brasil sob a ótica
da análise de
consequências.
*Perspectivas em
Análise do
Comportamento,
Edição Especial:
Estresse de
Minorias*, p. 1-6.

Valério, A.,
Castro, D. P., &
Florêncio, T.
(2022). Reflexões
sobre
masculinidades:
possibilidades de

| | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | X | X | X | X | X | X | X | X |
| | X | X | — | X | X | X | — | X |
| | X | — | — | — | — | — | — | — |

interpretação a partir de uma visão analítico-comportamental. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de Minorias*, p. 1-6.

Silva, B. H. S., & Viecili, J. (2022). Características do comportamento de microagressão contra pessoas trans em ambientes de trabalho. *Perspectivas em Análise do Comportamento, Edição Especial: Estresse de minorias*, 271-288.

Sousa, A. S. (2022). Masculinidade hegemônica: contingências relacionadas ao déficit de autocuidado à saúde em homens. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), p. 207-218.

Souza, J. S., et al. (2022). Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e de gênero: uma análise comportamental a partir da teoria do

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| X | — | — | X | — | — | — | — |
| X | — | — | — | — | X | — | — |
| X | — | — | — | — | X | — | — |

contextuais.

Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura, p. 138-153.

Kuch, I. E., & Dittrich, A. (2023). As masculinidades como variáveis relevantes para analistas do comportamento: reflexões teóricas e práticas. *Perspectivas em Análise do Comportamento, volume especial sobre clínica e cultura*, p. 154-169.

X — — — — — — —

Kuch, I. E., et al. (2023). Análise do comportamento e interseccionalidad e: implicações para práticas de pesquisa. *Acta Comportamentalia*, 31(2), p. 329-350.

X X — — X X — X

Marques, J. M., & Rodrigues, B. D. (2023). O papel do mentalismo na produção de sofrimento e seus impactos na psicoterapia. *Perspectivas em Análise do Comportamento*,

X X — — X X — X

evidências e
psicologia
feminista:
Reflexões iniciais.
*Perspectivas em
Análise do
Comportamento*,
228–238.

Rocha-Junior, J.
E. G., Marques, N.
S., & Oshiro, C.
K. B. (2023).
Potenciais efeitos
da socialização
masculina no
desenvolvimento
de habilidades
terapêuticas.
*Perspectivas em
Análise do
Comportamento*,
*volume especial
sobre clínica e
cultura*, p. 27-41.

| | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| X | X | — | X | X | X | — | X |
|---|---|---|---|---|---|---|---|

| | | | | | | | | |
|--------|----|----|----|----|----|----|----|----|
| Total: | 42 | 22 | 12 | 24 | 25 | 30 | 12 | 22 |
|--------|----|----|----|----|----|----|----|----|
